



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXIII — N.º 65

CAPITAL FEDERAL

SEXTA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1968

TA, EM 5 DE SETEMBRO
ATA DA 66ª SESSÃO CONJUN-
DE 1968.

2ª Sessão Legislativa

Ordinária, da 6ª Legislatura
Sessão Solene Destinada a Re-
ceber a Visita do Senhor
Eduardo Frei Montalva, Pre-
sidente da República do Chile

PRESIDENCIA DO SR. PEDRO
ALEIXO.

As 16 horas e 45 minutos
acham-se presentes os Srs. Se-
nadores:

Adalberto Sena
Flávio Brito
Edmundo Levi
Milton Trindade
Cattete Pinheiro
Lobão da Silveira
Clodomir Milet
Sebastião Archer
Victorino Freire
Petrônio Portela
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Duarte Filho
Dante Mariz
Ruy Carneiro
Argemiro de Figueiredo
Domício Gondim
Pessoa de Queiroz
José Ermírio
Arnaldo Paiva
Júlio Leite
Aloysio de Carvalho
Antônio Balbino
Jesephut Marinho
Carlos Lindemberg
Paulo Tórres
Aarão Steinbruch
Vasconcelos Tórres
Aurílio Viana
Gilberto Marinho
Negueira da Gama
Carvalho Pinto
João Abrahão
Armando Storni
Pedro Ludovico
Fernando Corrêa

CONGRESSO NACIONAL

Ney Braga
Adolpho Franco
Mello Franco
Celso Ramos
Antônio Carlos
Atilio Fontana
Guido Mondin
Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA
Jorge Lavocat — ARENA
Maria Lúcia — MDB
Nosser Almeida — ARENA
Ruy Lino — MDB
Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA
Bernardo Cabral — MDB
Carvalho Leal — ARENA (28 de fe-
vereiro de 1969)
Joel Ferreira — MDB
José Lindoso — ARENA
Raimundo Parente — ARENA
Wilson Calmon — ARENA (1) de
novembro de 1968)

Pará:

Amândio Corrêa — ARENA
Gabriel Hermes — ARENA
Gilberto Azevedo — ARENA
Haroldo Velloso — ARENA
Helo Gueiros — MDB
Juvêncio Dias — ARENA
Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Mates — ARENA (18 de se-
tembro de 1968)
Alexandre Costa — ARENA
Americo de Souza — ARENA
Cid Carvalho — MDB
Emílio Murad — ARENA
Eunício Ribeiro — ARENA
Freitas Diniz — MDB
Henrique de La Rocque — ARENA
José Burnett — MDB
José Marão Filho — ARENA

Luiz Coêlho — ARENA (16.9.68)
Nunes Freire — ARENA
Pires Sabola — ARENA
Renato Archer — MDB
Temístocles Teixeira — ARENA
Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB
Ezequias Costa — ARENA
Fausto Castelo Branco — ARENA
Heitor Cavalcanti — ARENA
Joaquim Parente — ARENA
Milton Brandão — ARENA
Paulo Ferraz — ARENA
Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA
Edilson Melo Távora — ARENA
Ernesto Valente — ARENA
Figueiredo Corrêa — MDB
Flávio Marcílio — ARENA
Furtado Leite — ARENA
Hildebrando Guimarães — ARENA
(17.9.69)
Humberto Bezerra — ARENA
Jonas Carlos — ARENA
Leão Sampaio — ARENA
Manuel Rodrigues — ARENA
Martins Rodrigues — MDB
Padre Vieira — MDB
Regis Barroso — ARENA
Wilson Roriz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA
Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)
Erivan França — ARENA (17.1.69)
Grimaldi Ribeiro — ARENA
Theodorico Bezerra — ARENA
Xavier Fernandes

Paraíba:

Bivar Olíndio — MDB
Ernani Satyro — ARENA
Humberto Lucena — MDB
Jandulhy Carneiro — MDB
João Fernandes — MDB (27.10.68)
Monsenhor Vieira — ARENA

Osmar de Aquino — MDB (29 de
dezembro de 1968)

Pedro Gondim — ARENA
Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)
Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Adelbal Jurema — ARENA
Alde Sampaio — ARENA (21.12.68)
Andrade Lima Filho — MDB (31
de outubro de 1968)
Antônio Neves — MDB
Arruda Câmara — ARENA
Aurino Valois — ARENA
Bezerra Leite — ARENA (30.12.68)
Carlos Alberto Oliveira — ARENA
Cid Sampaio — ARENA
Geraldo Guedes — ARENA
João Roma — ARENA
José-Carlos Guerra — ARENA
Josias Leite — ARENA
Milvernes Lima — ARENA
Paulo Maciel — ARENA
Petronílio Santa Cruz — MDB (1
de outubro de 1968)
Souto Maior — ARENA
Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA
Cleto Marques — MDB
Djalma Falcão — MDB
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA
Oscar Cardoso — ARENA
Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luiz Garcia — ARENA
Machado Rollemberg — ARENA
Passos Pôrto — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA
Clodoaldo Costa — ARENA
Edgard Pereira — MDB
Edvaldo Flores — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA
Hanequim Dantas — ARENA
João Alves — ARENA
João Borges — MDB

Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
 José Fenedo — ARENA
 Luis Athayde — ARENA
 Luiz Braga — ARENA
 Manuel Novaes — ARENA
 Mário Piva — MDB
 Ney Ferreira — MDB
 Odulfo Domingues — ARENA
 Oscar Cardoso — ARENA
 Raimundo Brito — ARENA
 Rubem Nogueira — ARENA
 Ruy Santos — ARENA
 Theodulo de Albuquerque —
 ARENA
 Tourinho Dantas — ARENA
 Vasco Filho — ARENA
 Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (26-12-68)
 Feu Rosa — ARENA
 João Calmon — ARENA
 Mário Gurgel — MDB
 Oswaldo Zanello — ARENA
 Parente Frota — ARENA
 Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB
 Affonso Celso — MDB
 Alair Ferreira — ARENA (19.9.68)
 Alair Lima — MDB
 Ario Theodoro — MDB (SE)
 Carlos Quintella — ARENA (19 de
 setembro de 1968)
 Daso Coimbra — ARENA
 Dayl de Almeida — ARENA
 Getúlio Moura — MDB
 José Saly — ARENA
 Júlia Steinbruch — MDB
 Mário de Abreu — ARENA
 Mário Tamborindéguy — ARENA
 Miguel Couto — ARENA (SE)
 Paulo Biar — ARENA
 Pereira Pinto — MDB (22.2.69)
 Raymundo Padilha — ARENA
 Sadi Bogado — MDB

Guanabara:

Amaral Neto — ARENA
 Amauri Kruehl — MDB (SE)
 Arnaldo Nogueira — ARENA
 (UNESCO)
 Breno Silveira — MDB
 Cardoso de Menezes — ARENA
 Erasmo Martins-Pedro — MDB
 Hermano Alves — MDB
 Jamil Amiden — MDB
 Márcio Moreira Alves — MDB
 Mendes de Moraes — ARENA
 Nelson Carneiro — MDB
 Pedro Faria — MDB
 Raul Bruñini — MDB
 Reinaldo Sant'Anna — MDB
 Rubem Medina — MDB
 Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
 Aquiles Diniz — MDB

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL

ALBERTO DE BRITTO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
J. B. DE ALMEIDA CARNEIROCHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional — BRASÍLIA

Aureliano Chaves — ARENA
 Austregésilo Mendonça — ARENA
 Bento Gonçalves — ARENA
 Bias Fortes — ARENA
 Celso Passos — MDB
 Dnar Mendes — ARENA
 Edgard-Martins Pereira — ARENA
 Elias Carmo — ARENA
 Francelino Pereira — ARENA
 Geraldo Freire — ARENA
 Gilberto Almeida — ARENA
 Guilherme Machado — ARENA
 Guilhermino de Oliveira — ARENA
 Gustavo Capanema — ARENA
 Hélio Garcia — ARENA
 Hugo Aguiar — ARENA
 Israel Pinheiro Filho — ARENA
 Jaeder Albergaria — ARENA (ME)
 João Hercúlio — MDB
 José Bonifácio — ARENA
 José-Maria Magalhães — MDB
 Luís de Paula — ARENA
 Manoel de Almeida — ARENA
 Manoel Taveira — ARENA
 Marcial do Lago — ARENA (SE)
 Mata Machado — MDB
 Mauricio de Andrade — ARENA
 Milton Reis — MDB
 Murilo Badaró — ARENA
 Nícia Carone — MDB
 Nogueira de Resende — ARENA
 Ozanan Coêlho — ARENA
 Padre Nobre — MDB
 Paulo Freire — ARENA
 Pedro Vidigal — ARENA
 Pinheiro Chagas — ARENA
 Renato Azeredo — MDB
 Simão da Cunha — MDB
 Sinval Boaventura — ARENA
 Teófilo Pires — ARENA (SE)
 Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:
 Adalberto Camargo — MDB
 Alceu de Carvalho — MDB
 Aniz Badra — ARENA
 Antônio Feliciano — ARENA
 Armindo Mastrocola — ARENA
 Athiê Couri — MDB
 Baptista Ramos — ARENA
 Bezerra de Melo — ARENA
 Broca Filho — ARENA
 Campos Vergal — ARENA (28 de
 dezembro de 1968)
 Cantídio Sampaio — ARENA
 Cardoso Alves — ARENA

Celso Amaral — ARENA
 Chaves Amarante — ARENA
 Cunha Bueno — ARENA
 David Lerer — MDB
 Dias Menezes — MDB
 Dorival de Abreu — MDB
 Emerenciano de Barros — MDB
 Ewaldo Pinto — MDB
 Francisco Amaral — MDB
 Franco Montoro — MDB
 Gastone Righi — MDB
 Harry Normanton — ARENA
 Hélio Navarro — MDB
 Israel Novaes — ARENA
 Joés Resegue — ARENA
 Lacorte Vitale — ARENA
 Lauro Cruz — ARENA (SE)
 Leonardo Monaco — ARENA (SE)
 Levi Tavares — MDB
 Lurtz Sabiá — MDB
 Marcos Kertzmann — ARENA
 Mário Covas — MDB
 Nicolau Tuma — ARENA
 Paulo Abreu — ARENA
 Pedro Marão — MDB
 Pereira Lopes — ARENA
 Plínio Salgado — ARENA
 Sussumo Hirata — ARENA
 Ulysses Guimarães — MDB
 Yukishigue Tamura — ARENA

Goiás:
 Anapolino de Faria — MDB
 Antônio Magalhães — MDB
 Ary Valadão — ARENA
 Benedito Ferreira — ARENA
 Celestino Filho — MDB
 Emival Caiado — ARENA
 Jales Machado — ARENA
 Joaquim Cordeiro — ARENA
 José Freire — MDB
 Lisboa Machado — ARENA
 Paulo Campos — MDB
 Rezende Monteiro — ARENA
 Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:
 Edyl Ferraz — ARENA
 Feliciano Figueiredo — MDB
 Garcia Neto — ARENA
 Marcílio Lima — ARENA
 Rachid Mamede — ARENA
 Saldanha Derzi — ARENA
 Weimar Torres — ARENA

Paraná:
 Accioly Filho — ARENA

Agostinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emílio Gomes — ARENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Peres — ARENA
 Jorge Cury — ARENA
 José Richa — MDB
 Justino Pereira — ARENA
 Leo Neves — MDB
 Lyrio Bertolli — ARENA
 Maia Neto — ARENA
 Minoru Miyamoto — ARENA
 Renato Cehdonio — MDB

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zeni — ARENA
 Aroldo Carvalho — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Joaquim Ramos — ARENA
 Lenoir Vargas — ARENA
 Ligia-Doutel de Andrade — MDB
 Osmar Cunha — ARENA
 Osmar Dutra — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB
 Romano Massignan — ARENA

Rio Grande do Sul:

Adylio Viana — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Sousa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arlindo Kunsler — ARENA
 Arnaldo Prietto — ARENA
 Ary Alcântara — ARENA
 Brito Velho — ARENA
 Clóvis Pestana — ARENA
 Daniel Faraco — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Floriceno Paixão — MDB
 Henrique Henkin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Laurão Leitão — ARENA
 Mariano Beck — MDB
 Matheus Schmidt — MDB
 Nadir Rosseto — MDB
 Norberto Schmidt — ARENA
 Paulo Brossard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zaire Nunes — MDB

Amapá:

Janary Nunes — ARENA

Rorônia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de
 novembro de 1968)

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

Compõem a Mesa, à esquerda do Sr. Presidente Pedro Aleixo, o Senhor Senador Gilberto Marinho Presidente do Senado Federal, os Senhores Senadores Cattete Pinheiro e Guido Mondin; à direita, o Sr. Deputado José Bonifácio, Presidente da Câmara dos Deputados, e os Srs Senadores Dinarte Maria e Aarão Steinbruch.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Estão reunidos conjuntamente o Senado Federal e a Câmara dos Deputados para, em sessão do Congresso Nacional, receber a visita do Sr. Eduardo Frei Montalva, Presidente da República do Chile.

S. Exa. já se encontra neste edifício, no Salão Nobre.

Designo os Srs. Líderes no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, da Aliança Renovadora Nacional e do Movimento Democrático Brasileiro, e o Sr. Deputado requerente das providências para esta solenidade, para acompanhar o ilustre visitante até o Plenário.

Nestas condições, aguardaremos a presença do Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva, para o prosseguimento da sessão. (Pausa.)

Acompanhado da Comissão, dá entrada no plenário o Sr. Presidente do Chile, que é recebido de pé, por todos os presentes, sob calorosos aplausos.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Conforme já devidamente noticiado, a presente sessão se realiza para, solenemente, recebermos a honrosa visita do Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva.

Da alegria, do júbilo e da honra de que se sente possuído o Congresso Nacional dirão os oradores incumbidos dos discursos oficiais.

Dou a palavra ao Sr. Senador Ney Braga.

O SR. NEY BRAGA:

(Lê) — Exmo. Sr. Presidente da República, Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Exmo. Sr. Presidente do Senado Federal, Exmos. Congressistas, demais autoridades, Senhores, Senhoras, Sr. Presidente Eduardo Frei:

Vem Vossa Excelência ao Brasil em momento grave para os povos que, como chilenos e brasileiros, amam a paz e a justiça.

Nesta época de violência, temos por vezes a impressão de estarmos próximos a uma outra noite de destruição e desgraças, semelhante àquela por que passou o mundo há cerca de 3 décadas. Este ano de 1968, numa fase de espantosas conquistas científicas, tem sido marcado por tragédias capazes de pôr em dúvida o futuro da humanidade. Dois grandes líderes da causa da dignidade do homem foram abatidos pela mão da violência e do ódio. No outro extremo da terra prossegue uma guerra entre irmãos, crua e dura como todas as guerras. Em outro continente, nações envolvem-se em lutas cruéis a que não faltam os modernos recursos bélicos em que são pródigios aqueles que, antes de alimentá-las, preferem armá-las. Na Europa, os exércitos de uma grande potência, em monótona repetição, violentaram as fronteiras, a soberania e a independência de um pequeno e bravo país, pela segunda vez sacrificados às supostas realidades e aos mais baixos instintos de uma política ambiciosa que já nos colocou a todos sob os terrôres de vinte anos de guerra fria e, a qualquer momento, poderá colocar-nos, novamente, diante dos riscos da guerra nuclear. (Palmas)

Essas brutais imposições da violência contaminam, em todo o mundo, o espírito de muitos daqueles que dedicaram a própria vida à luta contra

a injustiça, seja ela a injustiça da miséria, da opressão do forte contra o fraco ou do grande contra o pequeno. E é contra isso, Senhor Presidente Eduardo Frei, que mais se insurge a sua vocação de estadista. Nisso também é que mais se identificam chilenos e brasileiros, fazendo com que, unidos pelo espírito, cada um em sua terra, nesta América Latina onde o progresso coexiste com o atraso, se aproximem cada vez mais na luta pela paz e pelo desenvolvimento, afastando aquela falsa imagem de que só a violência liquidará a opressão e a injustiça.

Triste e sombrio seria o nosso futuro se fosse essa a única alternativa, se a justiça dependesse apenas do fogo, se a liberdade dependesse apenas do sangue. Num mundo sem alternativas, a política de blocos e de esferas de influência, herança de um passado nada lisonjeiro sacrificaria as revoluções mais justas e esmagaria as liberdades mais penosamente conquistadas.

Na verdade, porém, o que nos permite ter confiança no futuro, o que nos permite ver, além dos dias nublados e tempestuosos de hoje, os dias claros e criadores do amanhã, é precisamente o fato de que essa filosofia de violência não conseguiu fechar-nos num universo sem saída. E das muitas alternativas não violentas, em que o Brasil, por suas tradições de liberdade e pelo espírito cristão de seu povo, tem procurado sempre integrar-se, uma das que neste continente mais alimentam nossa esperança, Senhor Presidente Eduardo Frei, é a da República do Chile.

Separados por uma distância que não lhes permitiu ser vizinhos, mais não os impediu de ser irmãos, chilenos e brasileiros são legatários de uma herança política inspirada na não-violência e no respeito à dignidade do ser humano.

Dedicados à preservação da paz interna, chilenos e brasileiros têm adotado, em política exterior, as mesmas linhas de defesa da paz internacional em todas as suas dimensões. Essa ação comum acentuou-se na Conferência de Nova Délhi e nas negociações internacionais sobre política nuclear, quando o Chile e o Brasil uniram-se na defesa das mesmas teses. Nos trabalhos das Nações Unidas e na ação de sua diplomacia em todo o mundo, o Chile e o Brasil têm comprometido todo o peso de sua influência para conduzir os conflitos internacionais à solução por vias pacíficas. No debate sobre o futuro da economia latino-americana, Brasil e Chile dedicam-se ao fortalecimento da ALALC, como instrumento de integração do Continente.

Tudo isso, porém, seria apenas um conjunto de manifestações acadêmicas de solidariedade e de amizade, se não estivéssemos integrados num mesmo impulso de transformação social. A força da inércia que se apóia no medo ao futuro e que em seu imobilismo estimula a descrença na qual germinam as sementes da violência, temos procurado responder, numa sociedade em movimento que transforma os reptos em ultimatios, com uma promissora força de renovação que se apóia numa visão humanista do futuro e das mensas possibilidades da revolução tecnológica do nosso tempo. Quando lutam pela paz internacional, chilenos e brasileiros o fazem no sentido de que todos os países, grandes ou pequenos, tenham o direito de escolher seu próprio caminho e de colher os frutos de seu trabalho. Quando reafirmam sua vocação de paz interna, estão igualmente lutando por uma ordem social mais justa, na qual todos alcancem não apenas o direito, mas também as condições de escolher seu próprio destino.

Estas idéias não são novas. Exatamente por serem eternas, são as idéias do futuro. Há milênios os homens

as conhecem e é com elas que neste século levantam contra a opressão.

Essas idéias de todos os tempos são o mais verdadeiro conteúdo político da filosofia cristã, que é a herança cultural comum a todos os povos da América Latina. Ainda agora, o Papa Paulo VI, que saiu do Vaticano para se fazer, ele próprio, um peregrino da paz, levou-as aos camponeses colombianos e atiradores de armas, aos povos e aos Governos de todo o mundo.

Ao pregar a solução pacífica dos conflitos sociais, ao negar que a violência seja a única alternativa, deu Sua Santidade novas esperanças àqueles que sofrem em busca de justiça e aos que temem pelo futuro da liberdade.

Se esses temores nos parecem excessivos, a nós que não compreendemos que alguém se proponha ainda a alimentá-los, não esqueçamos o que foi, na Europa, a sinistra experiência do nazismo, que mostrou como a política da força cria uma dinâmica própria e tem uma fome que jamais se deixa satisfazer. Não esqueçamos também que, há mais de meio século, uma revolução derrubou um dos mais opressivos e opressores regimes feudais do velho mundo e que, renunciando à liberdade, essa revolução, cinquenta anos depois, criou um imperialismo retrógrado, nada melhor que o imperialismo que se propunha a destruir. (Palmas.)

Na América Latina de hoje, é falsa a impressão de que estamos entre a violência na estagnação e a violência de um certo tipo de mudança revolucionária. No Chile a reforma agrária, a reforma educacional, um plano habitacional arrojado, a campanha de promoção social, são exemplos de como os mecanismos da democracia representativa podem transformar, pelos caminhos da lei e da liberdade, a fisionomia de um país. No Brasil, as grandes conquistas sociais dos últimos anos, como o Estatuto do Trabalhador Rural, o Estatuto da Terra, o Plano Nacional de Habitação, nasceram da colaboração efetiva entre o Governo e o povo, através do Congresso Nacional. O problema da democracia em nosso Continente, de que Brasil e Chile, respeitadas as características e as condições próprias de cada um, são exemplo eloquente, é renovar-se e não renunciar a si mesma.

E renovar a democracia é rasgar novos caminhos, caminhos que partam de um fundamento doutrinário que respeite as tradições, mas corrija os arcaísmos, que ouça a voz da História, mas que perceba também a do futuro de que os jovens são a expressão mais vigorosa. A juventude, em todo o mundo, em sua ansia renovadora, que, quando não deturpada, é reflexo de idealismo, é sede de participação, deve ser, ela própria, porque o futuro é dela, arauto maior da não-violência e das soluções pacíficas. (Palmas.)

Quase dois séculos já se passaram desde que Thomas Jefferson afirmou que o melhor governo era aquele que menos governava. O conteúdo da democracia ampliou-se nestes duzentos anos, e hoje o melhor governo será sempre aquele que, com respeito à liberdade, atenda às exigências da dignidade humana e assegure melhores condições de vida ao povo.

E' essa a renovação que se tem de exigir à democracia latino-americana, uma democracia que não pode exaurir-se nos temas de sua velha fisionomia liberal, sob pena de, por omissão, condenar o Continente à alternativa da violência; uma democracia que, ao mesmo tempo, não pode fixar-se somente em seu conteúdo econômico, sob pena de construir uma sociedade habitada por homens sem alma, sem espírito criador e sem liberdade interior, simples acessórios da matéria bem alimentada.

A nova democracia latino-americana deve contestar a visão de uma prosperidade meramente exterior. A liberdade e a justiça são fins em si mesmas, mas são igualmente um meio para que o homem realize todas as suas faculdades espirituais. A nova democracia latino-americana deve ser, portanto, uma ponte entre o futuro e um passado que não esta provocado apenas de fantasmas, porque não vivem os ideais dos homens que conquistaram a liberdade dos povos do Continente, as idéias dos homens que os elevaram a um alto nível de civilização e o sacrifício daqueles que deram a vida pelas gerações seguintes.

Senhor Presidente Eduardo Frei a democracia cristã chilena é um dos passos mais originais, mais ousados, dos mais generosos no caminho do fortalecimento da democracia na América Latina. Ao saudar Vossa Excelência, em nome do Senado da República e em nome do povo brasileiro, que, por meu intermédio, entende esta saudação também a seus irmãos chilenos, não me dirijo apenas ao líder de um partido e sim ao estadista que soube conquistar o respeito de todos os povos deste Continente.

Político, estadista e escritor, Vossa Excelência combina a sensibilidade para o presente, a visão do futuro e a capacidade de comunicação. Todos nos orgulhamos do esforço de "revolução consentida" que Vossa Excelência lidera no Chile, esperando que essa experiência se possa transformar num sucesso nessa difícil, oportuna e fascinante aventura de renovar sem destruir, de transformar sem deformar.

Que Deus o guarde, Senhor Presidente Eduardo Frei, e a chilenos e brasileiros, irmãos de sangue e de ideais, conceda a graça de seguirem pelos mesmos caminhos, "amigos sem limites" que sempre foram, unidos sempre pelas mesmas esperanças, buscando ambos o desenvolvimento com liberdade, o enriquecimento sem injustiça e paz sem inércia. (Muito bem, muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o Sr. Deputado Franco Montoro. (Palmas prolongadas.)

O SR. FRANCO MONTORO

(Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, senhores Membros do Congresso Nacional, autoridades presentes, minhas senhoras, senhores, Presidente Eduardo Frei, mais de 80 milhões de brasileiros, ocupando uma área de 8 milhões e 500 mil km², enviaram seus representantes a esta Casa, através do sufrágio universal e direto. E' este Congresso Nacional, são esses 80 milhões de brasileiros que, hoje, vêm prestar sua homenagem de respeito e admiração ao Presidente que realiza, no Chile, a experiência histórica da "revolução com liberdade", ao estadista que, com inteligência e decisão, rasga novos caminhos para a imperiosa integração da América Latina, ao homem público que, por suas concepções e atitudes, está contribuindo objetivamente para abrir as perspectivas de uma convivência mundial de inspiração comunitária e democrática.

E' nessa triplice qualidade de Presidente da República chilena, de balizador da integração latino-americana e incentivador de um mundo solidário, que os brasileiros saudam V. Exa., Presidente Eduardo Frei Montalva. (Palmas.)

E' justo que homenageemos, em primeiro lugar, o Chefe do Governo que realiza, no Chile, com sabedoria e firmeza, uma experiência histórica de renovação com liberdade. E' natural que adversários procurem ofuscar o brilho de suas realizações. E

adversários não faltam: uns, porque querem conservar seus privilégios, não aceitam a idéia de revolução ou de transformações estruturais; outros, dominados por concepções totalitárias, só consideram viável a mudança de estruturas, com esmagamento da liberdade. A experiência chilena está, assim, entre dois fogos: o dos conservadores, que não querem a revolução, e o dos totalitários, que desprezam a liberdade. Ambos procuram impedir que o mundo conheça, na sua integridade, o sucesso do movimento de transformações que o Chile hoje realiza.

Mas os fatos aí estão, objetivos e eloquentes, a falar aos homens sem prevenções e de coração aberto.

Qual o melhor índice para medir os resultados de uma política nacional? Existe, por acaso, dado mais significativo do que o da taxa de desenvolvimento econômico e social, medido pelo índice de crescimento do produto nacional e pela participação do povo nesse progresso?

Pois bem, nos vinte anos anteriores ao Governo de Eduardo Frei, a taxa de crescimento do produto nacional bruto aproximava-se de 3% ao ano, e, como a população aumentava num ritmo anual de 2,5%, o crescimento econômico real apresentava índice inferior a 1% ao ano, o que significava estagnação e ausência de perspectiva para o País.

A partir do Governo Frei, a situação se transformou rapidamente. O produto nacional cresceu 19% nos três primeiros anos, portanto, numa taxa anual superior a 6%. E o crescimento do produto, por habitante, foi a ordem de 4% ao ano. A economia chilena deu um salto, abrindo-se para o caminho do desenvolvimento.

E qual foi a parte da população e, especialmente, do mundo do trabalho nesse resultado?

Nos anos anteriores a 1965, a quota de participação do setor de trabalho na renda nacional foi de 47%. No Governo Frei, essa quota subiu para 52%. A inflação foi combatida com energia, e caiu de 47%, em 1964, para 38,4% 25% e 17% nos anos seguintes. Mas o peso desse combate não recaiu sobre a massa dos assalariados. (Palmas). Os salários e vencimentos, no setor privado e público, foram aumentados, não apenas nominalmente, mas, em dados reais, na ordem de 35%, aproximadamente. A maior elevação verificou-se no setor agrícola que era o mais sacrificado; os trabalhadores rurais tiveram sua remuneração praticamente dobrada.

Mas, no campo rural, não houve apenas elevação de salários. Uma verdadeira reforma agrária está em marcha. A modificação constitucional do estatuto da propriedade, facilitando a desapropriação das terras mal aproveitadas, a promulgação, em 1967, da Lei da Reforma Agrária a sindicalização rural, a desapropriação efetiva de mais um milhão de hectares de terras e, principalmente, a instituição de um novo tipo de organização do trabalho agrícola em comunidades rurais ou "assentamentos", dão à experiência chilena um lugar de destaque, que a FAO, como órgão internacional especializado, acaba de reconhecer, acentuando, especialmente, seus aspectos de justiça social, aumento de produção e emprego de melhores técnicas. (Palmas).

O impulso e a planificação do desenvolvimento industrial, em termos nacionais, também merecem destaque. A política de "chilnização" de cobre, como primeiro produto do país, está em plena execução. A primeira refinaria nacional chilena já está em funcionamento. Com as antigas empresas existentes, o Governo passou a constituir sociedades de economia mista e assumir efetivamente suas funções de direção e controle, além de preparar quadros nacionais especializados e competentes. A produção vem sendo aumentada em ritmo que assegura sua duplicação para 1970,

quando deverá atingir 1.200.000 toneladas anuais. E foram adotadas medidas para a refinação e as primeiras fases de industrialização do produto sejam feitas no próprio país.

De outra parte, foi criada a Petroquímica Chilena S. A. A indústria siderúrgica multiplicou sua produção. E, paralelamente, se desenvolvem, em crescimento intenso, os setores da indústria química, do papel e celulose, de motores e peças, do açúcar, de alimentos etc.

Mas é para o campo da educação que se voltam, principalmente, os cuidados do novo governo. O orçamento do Ministério da Educação, calculado em moeda de 1967, elevou-se de 690 milhões, em 1964, para 1 bilhão e 400 milhões, em 1968, num crescimento superior a 100%, em três anos. (Palmas). Foram construídas mais de 2.300 escolas, das quais 1.350 localizadas em zonas rurais. E efetuadas 500 mil novas matrículas entre 1965 e 1967, o que supera várias vezes qualquer aumento havido, em igual período, em toda a história do país.

Do ponto de vista qualitativo, a educação básica passou de seis para oito anos. Construiu-se, em Santiago, um Instituto Central de Aperfeiçoamento do Magistério e outro de Capacitação Profissional.

Mas, ao lado do ensino básico e médio, técnico e profissional, o Governo enfrentou, com sensibilidade e resolução, o gravíssimo problema da reforma universitária. O ensino superior era regulado por uma lei promulgada há 40 anos, que já não atendia às necessidades do país.

Com a participação das oito Universidades existentes, inclusive dos estudantes, através da União das Federações Universitárias, foi elaborada a nova lei de ensino superior, já aprovada pelo Parlamento e sancionada pelo Presidente Eduardo Frei, em 1968. Através de um sistema de empréstimos, a serem pagos pelos estudantes depois de diplomados, procurou-se assegurar a todos os jovens, de qualquer condição social, o acesso ao ensino superior. As verbas para as universidades foram aumentadas em mais de 75% e as matrículas cresceram em proporções semelhantes.

Esses dados significativos levaram a UNESCO a conferir, ao Governo chileno, um dos primeiros prêmios mundiais pelo esforço feito no campo da educação e da cultura. (Palmas).

O contexto político em que se desenvolve essa experiência não pode deixar de ser focalizado. É preciso lembrar o clima de rigoroso respeito aos princípios do pluralismo democrático. (Palmas). Partidos de todas as tendências presentes no Parlamento. Imprensa livre. Autonomia universitária. (Palmas). Liberdade sindical. Justiça soberana. Primado da lei. (Palmas).

Estão assim abertos os caminhos para a comunicação do povo com o Governo. Comunicação que se realiza, muitas vezes, através da crítica agressiva, nem sempre justa. Mas necessária a qualquer governo que queira sentir as aspirações da opinião pública e respeitar a livre manifestação das opiniões individuais ou coletivas.

No caso chileno, a preocupação do Governo pela participação popular organizada é uma das características mais significativas. E de Eduardo Frei, já Presidente da República, o seguinte apelo: "Os seres isolados não são ouvidos. O morador de um bairro ou povoação, o pequeno produtor no campo ou na cidade, o trabalhador isolado, estão perdidos no complexo mundo de hoje. Mas, se organizados, fazem por eles sua junta de vizinhos, a cooperativa ou o sindicato. E, então, eles terão voz. As preocupações, inquietudes, aspirações e a própria vocação do povo devem ter um caminho apropriado para expressar-se, mediante organizações dirigidas pelo povo e capazes de representar essas

inquietações" — são palavras do Presidente Eduardo Frei.

E, coerente com esse pensamento, seu Governo tem estimulado todas as formas de organização e participação comunitária: sindicatos urbanos e rurais, cooperativas, centros de jovens, clubes de mães, associações de moradores.

No mês de julho último, em Valparaíso, o Presidente Frei assinou, perante verdadeira multidão, a lei que, após agitada tramitação pelo Congresso, institucionalizou as Juntas de Vizinhos e demais organizações comunitárias.

Ao promulgar o novo diploma, disse o Presidente: "Esta data constitui uma grande vitória para o povo do Chile. O mundo caminha para novas formas de democracia, através de uma participação mais profunda, organizada e responsável de todos os setores da população no seu próprio destino e na solução de seus problemas. Não basta, no mundo de hoje, a democracia eleitoral, que, sem dúvida, é básica; não basta que funcione o Executivo e o Parlamento, os Órgãos Municipais e o Sindicato. É hoje indispensável, para que o povo se sinta realmente parte de seu próprio país, que, entre a autoridade e o mais modesto dos homens que integram a nação, haja canais de comunicação, para que até o governante, o legislador, o juiz e as demais autoridades possa chegar ao pensamento do homem comum que está nas bases. (Palmas).

Ésse imperativo social, humano e democrático da participação da comunidade foi lembrado em recente documento oficial da ONU, nos termos seguintes: "A necessidade de os membros de um grupo, classe ou organização participarem no planejamento dos seus próprios programas é básica em qualquer tipo de projeto e confunde-se com a própria miséria democrática de viver".

A essa transformação profunda podem ser dadas múltiplas designações: democracia social, trabalho democrático, democracia cristã. Numa expressão feliz e compreensiva de todas essas tendências, que na realidade se aproximam, V. Ex.^a preferiu a fórmula lapidária: "revolução com liberdade". (Palmas).

A integração da América Latina. A política contemporânea apresenta uma nova dimensão que os homens públicos não podem desprezar. O panorama da economia mundial nos revela, hoje, a instituição de grandes blocos continentais com economia integrada. O exemplo mais importante é, certamente, o da Comunidade Européia, constituída, inicialmente, pela Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Em moldes diferentes, é também integrada, através do COMECON, a economia dos países da Europa Oriental. Da mesma forma, os Estados escandinavos da Europa do Norte organizam sua economia, procurando formas progressivas de integração. Integrada é também a economia norte-americana e canadense.

Encontramo-nos, assim, diante de uma mobilização geral de países, que se procuram unir diante do mercado mundial para poder proporcionar melhor nível de vida a seus povos.

Diante desse quadro universal, a América Latina, apesar dos esforços realizados, é um dos poucos conjuntos que permanece dividido e fragmentado. Em lugar de um continente unido, ainda somos, desgraciadamente, vinte nações separadas, vinte mercados dispersos, vinte fronteiras fechadas e outros tantos interesses nacionais que se apresentam, freqüentemente, como antagonísticos e opostos. (Muito bem. Palmas).

Os resultados desta situação foram assim sintetizados por um economista norte-americano Seymour Harris: "As Repúblicas da América Latina, freqüentemente, são vítimas fáceis de poderosas forças internacionais".

Ai está uma das razões do baixo padrão de vida de nossas populações.

A renda média anual *per capita*, na América Latina, é, aproximadamente, a décima parte da dos Estados Unidos. Temos quase 90 milhões de analfabetos. Três-quartas partes da população passam fome. A expectativa de vida é de 40 anos apenas, enquanto que na Europa é de 63 anos, nos Estados Unidos, de 68, e na Noruega, de 70 anos.

A integração das nações latino-americanas é o passo necessário para o seu desenvolvimento. Se continuarmos a agir isoladas e divididas, não teremos possibilidade de acompanhar a marcha do século XX como nações independentes e de assegurar a seus povos, uma vida condigna. (Muito bem.)

Em termos continentais, "tal como vamos, não crescemos", afirmou o Chanceler Gabriel Valdez, que hoje também nos honra com sua visita. (Palmas). "Sem integração — continua S. Ex.^a — não existe desenvolvimento, e sem desenvolvimento não há verdadeiro poder político. Tereamos que continuar dependendo das decisões externas em tecnologia, fixação de preços e outros fatores que são as armas do poder". (Palmas).

E nenhum Chefe de Estado no Continente tem sustentado, com mais pertinácia e espírito de luta, essa bandeira da imperiosa integração latino-americana, do que o Presidente Eduardo Frei. (Muito bem. Palmas).

"Desde que assumi a Presidência da República — diz S. Ex.^a em sua "Quarta Mensagem ao Congresso Nacional" — tenho procurado, incansavelmente, o entendimento dos governos da América Latina, para tornar realidade a integração do continente". E, hoje, S. Ex.^a nos dá magnífica prova dessa sua preocupação, com a sua vitoriosa presença no nosso Brasil.

E acrescenta o Presidente Frei: "O desenvolvimento econômico e social é, para nós, necessidade essencial. Mas lamentamos que essa aspiração legítima careça, hoje, de perspectivas reais, por faltar às nações mais poderosas disposição para "modificar critérios, que já não correspondem às necessidades dos povos em desenvolvimento. Os resultados insatisfatórios obtidos nas conversações do Gatt e na Conferência de Nova Deli geraram desconfiança e desilusão. Estamos convencidos", continua S. Ex.^a, "de que a solidariedade dos povos em desenvolvimento é um instrumento eficaz de reivindicação. Mas esta solidariedade deve adotar formas novas e eficientes, no plano latino-americano, sem o que seria impossível dar resposta efetiva às exigências dos nossos povos".

Com esse objetivo, sua atuação tem sido incansável no sentido de aperfeiçoar e desenvolver as primeiras experiências de integração, como a ALALC, o Parlamento Latino-Americano e a instituição de organismos e programas continentais.

Nessa obra, não têm faltado dificuldades e incompreensões. Mas esclarecidos os objetivos básicos, que fundamentalmente não se podem opor aos interesses nacionais, é preciso caminhar resolutamente no sentido da integração continental, através de decisões políticas, lúcidas e corajosas.

Essa é a exigência do nosso desenvolvimento. Esse o sentido da história. Essa é a esperança de nossos povos.

COMUNIDADE MUNDIAL

Além da perspectiva chilena e continental, há outra dimensão importante na obra política de Eduardo Frei: é sua contribuição para o encontro de novos caminhos, que conduzam as nações ao estabelecimento de uma comunidade mundial solidária.

Poucos chefes de Estado podem ostentar, como ele, a nítida e corajosa

coerência de haver denunciado todas as agressões, ocupações e violências contra nações menores, levadas a efeito pela força opressora das grandes potências. (Palmas).

"Qualquer fato que afete a paz, em qualquer região do mundo, nos afeta," escreveu o Presidente, em sua última mensagem ao Congresso, depois de afirmar que "hoje, o problema mais grave não é o da divisão entre as nações poderosas, mas as agudas tensões mundiais que existem em virtude da crescente desigualdade na distribuição da riqueza, da ciência e da tecnologia, e do poder consequente que elas conferem".

Por isso, em todas as partes do mundo, é preciso substituir a política de sujeição passiva a blocos imperialistas ou dominadores, pela luta em favor de um entendimento, fundado no respeito aos direitos de cada parte e na convicção de que o desenvolvimento é o novo nome da paz.

Essa linha de coerência no plano nacional, continental e mundial não é obra do acaso ou do oportunismo. Ela se explica pelo fato de estarmos em presença de um homem que se engajou na vida pública, fundado em princípios, inspirado num pensamento social e numa doutrina política.

As fontes históricas dessa doutrina, no mundo moderno, nós poderemos encontrar nas múltiplas manifestações do humanismo social de inspiração cristã. Em Frederico Ozanam, que, em 1840, lançava, a partir da Universidade de Paris, e em estreito contato com a família trabalhadora da região, o movimento social e político, que ele denominou Democracia Cristã, e sob cuja legenda o próprio Ozanam concorreu a eleições parlamentares. Na Alemanha, Bélgica, Itália, Inglaterra e Holanda multiplicaram-se, ao mesmo tempo, movimentos e iniciativas de igual orientação, preparando a série impressionante das encíclicas sociais Rerum Novarum (1891), Quadragesimo Anno (1931), Mater et Magistra (1961), Pacem in Terris (1962) e Populorum Progressio (1964).

É esse mesmo pensamento que está presente na obra notável do Movimento de Economia Humana, fundado pelo saudoso Lebrecht e nos ensaios filosóficos da política humanista de Jacques Mauritian.

Com natural diversificação, é fundamentalmente o mesmo pensamento que, no campo da ação política, inspirou a atuação de De Gasperi, Schuman e que representa, atualmente, no Cornejo Chaves e tantos outros que lançaram a partir do pós-guerra, em todos os continentes, o movimento político da democracia cristã. Movimento que representa, atualmente, ao lado de outros de inspiração popular, democrática e humanista, um dos caminhos que a humanidade procura para superar, através de fórmulas comunitárias, as experiências fracassadas do individualismo egoísta e do estatismo totalitário.

É essa bandeira de esperança que V. Exa. acena hoje para o mundo, a mostrar aos que procuram, aos que sofrem, aos que se afligem, aos desesperançados, que ainda há caminhos que podem ser percorridos, que ainda existem lutas que merecem ser travadas.

Permita, Presidente e amigo Eduardo Frei, que eu finalize minhas palavras evocando nosso encontro, há 20 anos, em Montevideu.

Ao lado de Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto, eu integrava o grupo de brasileiros presentes no primeiro encontro de democratas-cristãos, reunidos no Uruguai, por iniciativa do saudoso Dardo Regules.

Ouvimos, então, em vibrante discurso de V. Exa., após referência às injustiças, misérias e opressões que

marcam a sociedade moderna, as seguintes palavras que ainda nos parecem presentes: "Precisamos ter a coragem de levar a suas últimas consequências a mensagem cristã da fraternidade humana. Ninguém tem o direito de ficar de braços cruzados". (Palmas).

Hoje, ao receber a honrosa incumbência de saudá-lo, em nome do Congresso brasileiro, posso seguramente declarar que a imagem que o Brasil faz de V. Exa. é exatamente essa: a de um homem que, rompendo com a indiferença egoísta dos braços cruzados e recusando o gesto de ódio dos punhos fechados, apresenta-se para a América e para o mundo como o homem de braços abertos, a lembrar a todos os responsáveis que é preciso levar as suas últimas consequências a mensagem revolucionária da fraternidade humana. (Muito bem. Muito bem. Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o Sr. Presidente Eduardo Frei. (Palmas prolongadas).

SR. PRESIDENTE EDUARDO FREI:

Senhor Presidente:

Senhores representantes do povo do Brasil:

Nesta sessão solene do Congresso Nacional, quero entregar ao povo brasileiro, através de seus representantes a saudação irraterna e a invariável solidariedade do povo e da nação chilena.

Este ato, acima das pessoas, é um símbolo da história de duas comunidades humanas com iguais propósitos de paz recíproca, continental e mundial, unidas em suas gerações passadas e presentes.

Mas aqui, no meio de vós, esse significado moral adquire, nas relações entre estas duas nações, uma realidade e uma dimensão concretas. Porque nós chilenos reconhecemos no Brasil os sinais e o valor de uma grande aventura do homem, de um novo poder que surge no mundo.

Na mensidão de seu território, com riquezas só em parte conhecidas e exploradas, um povo sempre mais numeroso vive a aventura de construir uma nova civilização. Não obstante as vastas proporções alcançadas, esta obra ainda está em seu começo. Entre as grandes empresas que a humanidade vem realizando sobre a face da terra, em nossa época, poucas têm a magnitude e ao mesmo tempo o poderoso dinamismo da construção do Brasil pelo povo brasileiro.

É a marcha de muitas gerações, de nobres exemplos históricos e de uma integração racial que a todos, justamente, nos orgulha. Nela se destacam elementos vigorosos de uma grande cultura, no sentido do pensamento mais elevado e igualmente no sentido formoso da alegria popular, que, por sua mensagem de cordialidade humana, deu novas formas à alegria de todos os povos do mundo. É também a marcha de muitas gerações vindouras cujas tarefas futuras exigem uma visão social, tecnológica e política do destino deste grande povo.

Tudo isto nos mostra o Brasil resolutamente colocado no nível das responsabilidades internacionais diretas com uma amplitude mundial.

Aqui em Brasília — onde a vitalidade da agricultura e dos centros industriais começa seu avanço sobre a imensa Amazônia — vemos uma afirmação do espírito do homem, onde o vosso gênio criador responde em beleza e magnitude à própria Criação que nos rodeia com uma presença de dimensões colossais; aqui vemos também uma realidade transcendente,

frente à qual somos solidários, porque ela nos coloca desafios comuns e que encerra a chave de um mesmo destino.

Estamos em uma grande capital de nosso próprio futuro, do futuro de nossa América, de tão profunda raiz cristã, em terras de nossa América, com homens que conhecem o gênio, a angústia e a esperança da nossa América.

A humanidade latino-americana e o próprio amor e sentido de grandeza que nos inspira esta grande comunidade de povos e cada uma das Pátrias que a formam, nos impõem a consciência dos valores essenciais e dos dramáticos problemas que nos unem.

Todas as nossas nações latino-americanas, grandes ou pequenas, mais ou menos desenvolvidas, guardam em seu seio tradições e grandezas, realizações e glórias humanas que inspiram a mente e o coração e que os sentimentos exaltam, com justiça, como um sagrado depósito. Mas todas sofrem também angústias crescentes, tensões cada vez mais graves, contradições que criam o clamor de dramáticas urgências, principalmente nos vastos setores da pobreza, da juventude e da intelectualidade.

Num mundo comovido, sem exceções e de maneira até agora desconhecida, pela voragem de uma crise da civilização universal, os povos e os governos da América Latina enfrentam uma grande responsabilidade, um desafio tão grave como o da própria Independência, porque nele se joga seu êxito e seu fracasso. A grande interrogação é esta: seremos uma região humana enferma e desintegrada, ou construiremos, para nós e para a humanidade, uma nova ordem de progresso, uma sociedade de amplos caminhos abertos para a justiça, a liberdade e a paz? (Palmas).

Desde o princípio, o amor à liberdade nos uniu. Antes e mais profundamente do que uma idéia, esse amor foi uma realidade existencial de homens chamados a criar um novo mundo em um novo âmbito da natureza e da história. Não se pode limitar todo seu sentido na expressão ideológica nem na normatividade das leis. A América Latina busca esta afirmação na própria realidade, além das fórmulas, na plenitude da vida das pessoas e na plenitude da soberania dos povos.

Estamos unidos pelas ameaçadoras contradições em que se realiza nosso progresso, sob o impacto acelerado do mundo que nos rodeia e que, de fora nos arrasta como uma força arrasadora.

Nossas grandes cidades se levantam e crescem na contradição que separa seus setores centrais, e seus bairros modernos, das populações marginais.

O dinamismo e a promessa de oportunidades de nossos grandes centros industriais contrastam com a vida obscura e sem expectativas das cidades menores, das aldeias e dos setores rurais.

O nível de vida das minorias favorecidas pela oportunidade social e pela melhor educação separa-se progressivamente do nível da grande massa dos povos.

Como disse vosso Mário de Andrade, "juntos formamos este assombro de misérias e grandezas".

O que nos une — disso estou profundamente convencido — é a simplicidade das aspirações de nossos povos. Estas cresceram, por certo, com o progresso tecnológico que cria novos bens para todos os homens. Mas continuam modestas: são o trabalho seguro, em condições dignas, que abra realmente o acesso à alimentação adequada, à saúde, previdência social, à moradia decente e sobretudo à educação dos filhos, signo essencial das expectativas de progresso. (palmas).

É a insatisfação dessas aspirações — verdadeiras exigências mínimas da liberdade em nosso tempo — que cria a consciência de miséria injusta e de ineficácia de nossa organização social frente ao brilho de um crescimento econômico desequilibrado e insuficiente. (Palmas).

Estamos unidos em virtude de uma situação comum frente ao mundo. Uma situação que é talvez nossa mais grave ameaça.

Nenhum orgulho ou ilusão, nenhum sentimento de euforia patriótica, tradicional ou cultural, pode ocultar-nos o fato mais transcendente de nossa história atual: formamos parte dos dois terços dos homens do mundo que estão retrocedendo, todos os dias, frente às alternativas do desenvolvimento moderno. Diante do formidável dinamismo centrípeta da minoria humana de alto desenvolvimento e da alta aceleração científico-técnica e industrial, todo o processo de nossa vida cultural, política, social e econômica, e ainda o próprio esforço para nosso desenvolvimento é arrastado a um dinamismo centrífugo e desintegrador. A energia vital da América Latina e seu próprio ser coletivo são levados a dispersar-se em estruturas mundiais que restringem seu poder.

Todos estes fatos estão presentes na consciência ou na intuição vital de nossa juventude, que são decisivos no continente. A esta juventude, que constitui a substância mesma da energia de nossa América Latina, devemos abrir um amplo canal de expressão para o futuro, superando todas as dificuldades e contradições do presente. Devemos propiciar-lhes o acesso a um centro próprio e autêntico da existência histórica, da cultura, da integração e do desenvolvimento. (Palmas).

Desde o nascimento de nossa independência, afirmamos que a democracia constitui esse canal e este centro, por que o instituto vital de nossas nações não admite outra expressão para sua convivência cívica.

Várias gerações de latino-americanos lutaram visando a realizar a democracia em todos os nossos países. Entretanto, com demasiada frequência, ela expressou apenas, por um mimetismo cultural, o valor de uma fórmula adjetiva, de um instrumento político e jurídico, como se bastasse sua promulgação ritual para derramar sobre os povos todas as potencialidades da liberdade, da justiça e da solidariedade.

Uma experiência já mais que secular nos ensina que o ideal democrático não pode se limitar a uma fórmula superposta, a uma realidade de contradições e insuficiências. Esse ideal não pode se converter em um formalismo progressivamente estéril. Sua única alternativa de realização consiste em se alicerçar na vida real e concreta de nossas comunidades, a partir de seus fundamentos mais profundos, como uma expressão efetiva e exigente de solidariedade.

Por isso, o ideal democrático deve estar presente em todos os planos: no da moralidade, no da cultura, da legislação, da tributação, da educação, da vida social e da organização econômica.

Diante da realidade da miséria em vastos setores, a justiça se apresenta como uma condição imprescindível, como a porta de acesso, tanto no sentido moral como no material, para a integração dos povos na vida social.

A ordem jurídica e as instituições políticas já não são aceitas em toda sua extensão e profundidade se não se constituem no instrumento eficaz de um grande movimento de justiça e solidariedade que hoje tem um nome: desenvolvimento econômico e social.

Por esse motivo, a revisão das formas atuais e a transformação das instituições constituem imperativos geralmente reconhecidos. Novos conceitos e

novos ordenamentos buscam responder às exigências de eficácia na administração, à existência de novas organizações nas relações humanas e de uma autêntica representação popular.

Este onipresente movimento das aspirações e dos anseios de transformação configura a fisionomia humana da América Latina e nos põe diante do desafio de compreender e orientar a vida de nossos povos, em meio à grande crise das modificações que se encontram em gestão por toda parte e em todos os aspectos de nossa realidade. Tarefa de imensa dificuldade e de riscos verdadeiramente históricos, mas tarefa que não pode ser ajudada.

Podemos afirmar que, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, a América Latina, em seu conjunto, adquiriu uma consciência mais lúcida de si mesma, de seus problemas e expectativas e de sua situação no mundo. O diagnóstico de nossa realidade econômica e social, principalmente, tornou-se mais sistemático, objetivo e penetrante. A reflexão e o julgamento a respeito das manifestações e das causas de nossas contradições e deficiências adquiriram novos elementos de validade, o que permite projetar grandes esquemas de solução.

Ninguém pode deixar de reconhecer que tudo isto significa um avanço decisivo e uma grande conquista para nossa cultura e para nossa capacidade de ação.

Este processo de lucidez e de julgamento objetivo tem um valor transcendente, porque se realiza primeiramente nas consciências, que é onde começam as verdadeiras transformações. Mas a prova de seu valor real não se joga no plano dos diagnósticos. Joga-se no plano da ação real, em que as mesmas deficiências e contradições diagnosticadas opõem, por mil formas, sua inércia e sua resistência.

O reconhecimento destas realidades objetivas — condição essencial para eficácia na ação — não é uma escusa para não responder às urgências apressuradas de nossos povos.

Muitos são hoje conduzidos ao repúdio presunçoso destas realidades movidos por uma espécie de fé em diversas estratégias mundiais de poder revolucionário ou de embriaguez ideológica que tende a ultrapassar os limites da emoção e do osentimento humano.

É evidente que, quando direitos essenciais são vulnerados de forma grave e sistemática, não se pode negar aos cidadãos e às comunidades o direito de buscarem os caminhos e meios que restabeleçam sua plena vigência. Isso foi o que ocorreu em nossa própria Independência.

Mas isso não deve confundir-se com a grave ameaça que hoje projetam contra a mesma possibilidade de uma ação transformadora, na paz e na liberdade, aqueles que se negam a respeitar as normas jurídicas mais elementares e pregam, frente à realidade social, a violência moral e física como único meio de reduzir e suprimir os obstáculos que dificultam e impedem o caminho. São pessoas que atribuem a si mesmas a monstruosa faculdade de julgar e marcar os que devem ser condenados e destruídos, e chegam ao ponto de se organizarem para a consumação de seus propósitos sob a proteção das garantias democráticas, que não respeitam. Trata-se de falsos profetas da justiça e da liberdade, mas profetas verdadeiros de tudo quanto contribui para nossa desintegração e fracasso histórico.

Diante deles, levantam-se os que se negam a ver a realidade e que, para justificar tal cegueira, tudo põem em dúvida: o avanço objetivo dos conhecimentos econômicos e sociológicos, o valor humano transcendental da tecnologia, a profundidade e amplitude do processo histórico mundial e tam-

bém a capacidade do espírito, do pensamento e da ação dos povos para se organizarem e para criarem novas formas de vida em paz e em liberdade.

Uma atitude generalizada de temores e de resistência ao progresso inevitável da história pretende organizar-se igualmente em muitos, como uma filosofia que se dispõe, culposamente, a justificar a injustiça, a miséria e a desigualdade, como se fosse o preço, se não legítimo, pelo menos política e historicamente aceitável da ordem e do progresso nacional e internacional. Este é também outro extremo da violência ideológica e moral, que degenera facilmente em violência física.

Em um dos aspectos mais trágicos de nossa história presente consiste em que ambos os extremos se alimentam e se justificam reciprocamente. A violência moral e física exercida pelos que vêm nela o único caminho da transformação responde a violência dos que nela vêem o único caminho da resistência e da defesa.

É um processo de polarização geral dirigida a posições antagônicas do qual não se pode esperar outra coisa senão o transtorno paralisante e destrutivo e um progressiva subordinação da vida da América Latina a orientações e sistemas de poder estranhos à sua verdadeira essência.

A grande tarefa desta hora é a superação desse processo.

Quando nossos povos realizaram a Independência, não a fizeram somente como um ato de rebeldia contra uma ordem que já havia perdido sua vigência. Muito acima disso, criaram, em grandes unidades nacionais, um novo espírito e uma nova ordem para a América. Foi isso que deu força a nossos países, frente ao mundo. Não a simples rebeldia de uma gesta, nem tampouco a adesão cega a filosofias estanhas. Foram sociedades inteiras, em todos os seus setores, que se integraram no ideal da liberdade. Por isso realizaram uma criação permanente e dinâmica, e deram vigência mundial à soberania das nações latino-americanas.

Essa foi o momento das integrações políticas de nossas nacionalidades, da definição geral da personalidade de cada um de nossos povos.

Como poderíamos negar hoje a grande verdade de nossa fé americana no homem, qualquer que seja sua posição na sociedade?

Se uma concepção suficientemente generosa e positiva for proposta e adotada por nossos povos, ela dominará nossa história futura.

A característica mais positiva do latino-americano é sua constante busca da implantação pacífica, em todos os rincões de sua terra e em todas as atividades, de uma forma de vida verdadeiramente humana e familiar de um profundo sentido de comunidade na modesta e efetiva realização de cada dia.

Por isso a consciência dos governantes e dos legisladores, deve compreender o imperativo urgente de uma ação rápida, completa e eficaz. Os diagnósticos em grande parte, estão feitos e são conhecidos. As soluções em suas linhas gerais, são claramente perceptíveis. Somente uma ação resoluta, audaz e imaginativa pode abrir aos a alma da América Latina, hoje mais do que nunca ameaçada e combatida pelos extremismos.

A publicidade desmedida das perturbações e dos transtornos provocados por algumas minorias mantém abrumada o silenciosa a imensa maioria de nossos povos que têm profundo sentido humano e um grande amor à liberdade, e que repudiam extremismos de uma ou outra cor.

Mas não nos enganemos. Essa imensa maioria que quer paz e liberdade profunda, necessita expressar-se, e isto exige uma fidelidade inquebran-

tável às exigências da justiça, às necessidades sagradas da grande multidão dos pobres e uma reforma básica de nossas estruturas e instituições. Se isso não ocorrer essa imensa maioria será vítima, mais que dos extremismos, de nossa incapacidade de conduzi-la. (Palmas).

E esta ação deve ser tempestiva. É o tempo real quem não-lo mede é o homem, sua consciência, sua esperança e muitas vezes também seu desespero. Por isso, nós — os que queremos construir um caminho criador e humano para nossa América Latina — devemos mostrar, não só boas intenções e grandes palavras, mas eficiência na ação, para responder às justas inquietudes das grandes maiorias. O mandato é atuar com integridade e atuar a tempo.

Esta é a nossa única alternativa verdadeira. A única maneira para que a democracia não constitua um engano e uma frustração. Se não formos capazes de realizar esta ação, será inútil que nos refugiemos atrás das palavras para encobrir a incapacidade de dar soluções reais e urgentes aos problemas de nossos povos.

Esta urgência — permiti que vos diga — é, na consciência dos chilenos motivo central que torna necessário um grande consenso moral latino-americano, antes mesmo e muito mais profundamente do que os trabalhosos mecanismos de integração comercial e industrial que estamos elaborando.

Não posso como presidente do Chile, como representante de meu povo, escusar-me de apresentar diante de vós o testemunho de minha nação e de entregar-vos um chamado de nosso espírito.

Cremos em nosso país, que a reforma das instituições e estruturas da sociedade, da economia e da política é uma necessidade imperativa para a autêntica expressão da vitalidade e da força de nosso povo. Acreditamos nisso, a partir de diversos ângulos ou matizes de visão. Isso é parte de nossa cultura atual, de nossa angústia e de nossa mensagem americana e internacional.

A comunidade chilena está vitalmente empenhada neste desafio. Tem que superar seus próprios extremismos e tem que conquistar e construir sua própria paz. Ela o fará, por seus caminhos peculiares, que não pretendem ser um exemplo nem um ensinamento para outros povos, cujos canais de expressão somos os primeiros a respeitar e cuja diversidade é a de um continente.

Nesse espírito, amplamente presidido por nossas tradições de direito, definimos as urgências de nossa ação como uma Revolução em Liberdade.

Em nossa tarefa encontramos sem dúvida, grandes dificuldades. Em nossa tarefa, certamente cometeremos erros. Porém conseguimos fundamentalmente atingir as metas que nos havíamos proposto nos campos de Educação, da Saúde, da ordem sindical do movimento cooperativista da Produção Popular, da Reforma Agrária, da Habitação, do regime tributário, da administração financeira e do desenvolvimento econômico. Demos passos decisivos para nossa independência econômica. Na concepção e nos métodos de nossas reformas, seguimos nossas próprias idéias e nossas próprias criações. Em nossa ação, tudo quanto foi realizado é o fundamento para se empreenderem novas etapas igualmente construtivas e dinâmicas que configurem uma autêntica democracia e uma verdadeira solidariedade nacional e popular.

Es por que não poderíamos ocultar nossa fé e esperança na integração e na comunidade latino-americana de nações, cuja realidade forma parte de nossa nacionalidade e de nosso destino. As tarefas internas para que cada país possa alcançar sua plena inte-

gração nacional são enormes mas não são antagônicas nem podem obscurecer a necessidade real de uma solidariedade latino-americana. Sem esta, jamais poderemos sentar-nos à mesa do poder mundial para fazer valer nossa própria e límpida vontade na conquista de uma convivência real, efetiva e verdadeiramente universal entre os povos, em que sejam respeitados nossos legítimos direitos.

Tudo no mundo está ocorrendo nesta direção.

Somos parte das Américas. Reconhecemos e respeitamos a vigência do sistema interamericano. Mas cremos também que a associação destas duas Américas não poderá jamais construir uma autêntica capacidade de cooperação no ressentimento, nem tampouco poderá construí-la no desequilíbrio. Para que esta associação livre alcance sua verdadeira dimensão, a América Latina deve ter plena consciência de sua fisionomia histórica e pleno respeito a sua realidade social e cultural. Para isto, a união é indispensável. Para poder defender, nesta hora do mundo, a soberania e integridade de nossas Pátrias, como os sagrados princípios do acatamento aos direitos humanos e da livre determinação dos povos, que nestes mesmos dias vemos menosprezados, é necessário que nossa voz — que não busca predomínio mas que exige igualdade de trabalho, justiça e respeito na vida da comunidade mundial — não seja uma voz isolada.

Essa, a condição de nossa verdadeira independência.

Não podemos continuar sendo os imitadores ou importadores de fórmulas que não correspondem à nossa própria maneira de ser.

Com demasiada frequência surgem, entre nós, queixas pela falta ou pela insuficiência de uma ajuda real a nosso próprio desenvolvimento, pelo desequilíbrio nos termos de intercâmbio e tratados de comércio internacional. De pouco valem as lamentações, (palmas) frente ao poder ou riqueza dos outros. Elas são, muitas vezes, somente a expressão de uma debilidade que facilita os abusos e que denuncia uma falta de consciência real de nossa força e de nossas perspectivas como conjunto de povos. A solução de nossos problemas não virá por mãos de outros. Só na medida em que tenhamos consciência de nossa própria realidade, em um mundo que nos pertence, seremos fator de poder e de decisão na América e no mundo.

Por tudo isto é que daqui — do seio desta grande nação de nossa América, do Congresso do Brasil, de uma tribuna tão elevada — considerei de meu dever e responsabilidade, como governante chileno, não somente trazer-vos a expressão de nossa profunda amizade, mas entregar também nossa mensagem de vontade e esperança, um chamado ao Brasil, com sua imensa extensão geográfica e humana, e a toda a nossa América — porque esta tribuna é para se dirigir à América para esta grande obra histórica comum que permita a 250 milhões de seres humanos abrirem, com a crescente amplitude de seu número e de sua consciência, as portas do futuro.

Sr. Presidente, eu não conhecia as palavras com que me iam saudar dois ilustres representantes do Senado e da Câmara dos Deputados. Mas os Srs. Senadores e Deputados que escularam sentiram a coincidência profunda que há na nossa filosofia essencial, que se deve mais à nossa unidade do que às palavras que pronunciávamos.

O Sr. Senador Ney Braga disse que vivemos num mundo ameaçador como nunca, e, creio, teríamos de ser corajosos e surdos para não vê-lo e não enérgicos para não defendê-lo. Como poderemos defender as nossas soberanias? Como poderemos

defender a livre determinação dos povos?

Como poderemos defender nossos direitos na comunidade mundial?

E' nesta hora emocionante em que vivemos ofuscados — povos pequenos sim — que eu digo: respeitem os direitos de Compromissos e Tratados!

Que outro destino temos para o nosso próprio futuro, para a nossa própria dignidade como Continente, para a criação de nossas próprias fórmulas e de nossas expressões senão unir-nos?

Senti que eram certas as palavras do Sr. Senador Ney Braga, que a geografia não nos permite ser vizinhos, porém não nos tem impedido de sermos irmãos. *(Palmas prolongadas)*.

Desde o primeiro instante tive esta sensação.

Se há muito tempo temos sido amigos é porque há algo mais profundo nesta comunidade: há uma simpatia, uma cordialidade, que nasce de nossas condições humanas.

Por que estamos separados? Por que ficamos somente no plano retórico? Por que continuar escutando homens como Franco Montoro, que há vinte anos falam de integração? Por que continuar — Parlamento, Governo e Universidades — falando? Para que o mundo tenha a sensação de que nós, os latino-americanos, somos bons para dizer as coisas, mas ineficazes para realizá-las?

Os brasileiros estão aqui. Estão levantando esta cidade, que é, no mundo moderno, o símbolo mais extraordinário da imaginação criadora.

Os brasileiros, que têm um grande destino, não podem repetir os erros de outros grandes povos.

Sintamos esta obrigação e esta responsabilidade. Unam-se os povos da América Latina nesta sua tarefa! Sua palavra é muito importante.

Construamos neste mundo turbulento uma casa de liberdade e de paz. *(Muito bem. Palmas prolongadas)*, em que não se repitam, monotonamente, os erros tão dolorosos para a humanidade inteira.

Que enorme tarefa temos pela frente. Por que não empreendê-la?

Os tratados jurídicos estão firmados, somos irmãos e as técnicas são tão conhecidas. Falta só a decisão política.

Por que não dar este passo?

Eu espero que esta visita não seja apenas protocolar, porque entre nós o protocolo não se justifica.

Tenho a esperança de que esta visita, de um homem modesto de um País que trabalha com esforço tenaz e infatigável, contribua para abrir essa consciência. Por que o mundo sempre nos há de dar e nós há de descobrir? Por que nós que temos terras e montanhas, grandezas com que Deus nos agraciou, não podemos pairar sobre pequenas divisões e querelas políticas internas e externas, para construir a mensagem de que o mundo necessita? E' a mensagem de um continente jovem, que não está dividido nem por profundos ódios, nem por questões raciais, nem por lutas religiosas; que tem todos os elementos que Deus lhe deu, a fim de que o homem os transforme numa grande esperança para a humanidade. Muito grato, Senhores. *(Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas)*.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Tenho a subida honra de agradecer ao Sr. Presidente líder político, o Chefe de Estado, o Eduardo Frei, que já sabíamos ser o Chefe de Governo, o admirável líder do Direito e o sociólogo, essa esplêndida página, na qual compreendemos que palpita a fé em que a democracia não será um engano, nem será uma frustração.

Os agradecimentos do Congresso Nacional brasileiro são especialmente dirigidos a quem nos deu aqui uma admirável, uma esplêndida lição e, so-

bretudo, uma palavra decisiva de fé e de esperança.

Com este agradecimento, convido a Comissão incumbida de trazer a este recinto o Sr. Presidente Eduardo Frei Montalva a acompanhá-lo até o salão de recepções, onde S. Exa. terá oportunidade de receber os cumprimentos dos congressistas brasileiros. *(Palmas)*
Declaro encerrada a sessão.

ATA DA 67ª SESSÃO CONJUNTA, EM 5 DE SETEMBRO DE 1968.

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 6ª Legislatura PRESIDÊNCIA DO SR. AARÃO STEINBRUCH.

As 20 horas e 30 minutos acham-se presentes os Senhores Senadores:

Adalberto Sena
Flavio Brito
Edmundo Levi
Milton Trindade
Cattete Pinheiro
Lobão da Silveira
Clodomir Milet
Sebastião Archer
Victorino Freire
Petrônio Portela
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Duarte Filho
Dinarte Mariz
Argemiro de Figueiredo
Pessoa de Queiroz
Júlio Leite
Aloysio de Carvalho
Antônio Balbino
Josaphat Marinho
Carlos Lindemberg
Paulo Torres
Aarão Steinbruch
Vasconcelos Torres
Aurélio Vianna
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
Carvalho Pinto
Lino de Mattos
João Abrahão
Armando Storni
Pedro Ludovico
Fernando Corrêa
Ney Braga
Adolpho Franco
Mello Braga
Celso Ramos
Antônio Carlos
Atílio Fontana
Guido Mondin
Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA
Maria Lúcia Araújo — MDB
Mário Maia — MDB
Nosser Almeida — ARENA
Ruy Lino — MDB
Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA
Bernardo Cabral — MDB
Carvalho Leal — ARENA (28.2.68)
José Lindoso — ARENA
Raimundo Parente — ARENA
Wilson Calmon — ARENA (1.11.61)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA
Gabriel Hgmes — ARENA
Gilberto Azevedo — ARENA
Haroldo Velloso — ARENA
Hélio Gueiros — MDB
Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18.9.68)
Alexandre Costa — ARENA
Américo de Souza — ARENA
Cid Carvalho — MDB
Henrique de La Rocque — ARENA
José Burnet — MDB
José Marão Filho — ARENA
Nunes Freire — ARENA
Pires Saboia — ARENA
Temístocles Teixeira — ARENA
Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB
Ezequias Costa — ARENA
Fausto Castelo Branco — ARENA
Joaquim Parente — ARENA
Milton Brandão — ARENA
Paulo Ferraz — ARENA
Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA
Edilson Melo Távora — ARENA
Ernesto Valente — ARENA
Figueiredo Corrêa — MDB
Furtado Leite — ARENA
Hildebrando Guimarães — ARENA (17.1.69)
Jonas Carlos — ARENA
Leão Sampaio — ARENA
Manuel Rodrigues — ARENA
Martins Rodrigues — MDB
Wilson Roliz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23.1.69)
Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)
Erivan França — ARENA (17.1.69)
Grimaldi Ribeiro — ARENA
Theodorico Bezerra — ARENA

Paraíba:

Bivar Olintho — MDB
Ernani Satyró — ARENA
Humberto Lucena — MDB
Janduhy Carneiro — MDB
João Fernandes — MDB (27.10.68)
Monsenhor Vieira — ARENA
Osmar de Aquino — MDB (29.12.68)
Pedro Gondim — ARENA
Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)
Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA
Alde Sampaio — ARENA

Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)

Antônio Neves — MDB
Aurino Valois — ARENA
Cid Sampaio — ARENA
Geraldo Guedes — ARENA
João Roma — ARENA
José-Carlos Guerra — ARENA
Josias Leite — ARENA
Milvernês Lima — ARENA
Paulo Maciel — ARENA
Petronílio Santa Cruz — MDB (7 de setembro de 1968)
Soulo Maior — ARENA
Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA
Djalma Falcão — MDB
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA
Oséas Cardoso — ARENA
Perera Lúcio — ARENA
Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luís Garcia — ARENA
Machado Rollemberg — ARENA
Passos Porto — ARENA
Raimundo Diniz — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA
Clodoaldo Costa — ARENA
Edgard Pereira — MDB
Edwaldo Flores — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA
João Alves — ARENA
João Borges — MDB
Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
José Penedo — ARENA
Luís Athayde — ARENA
Luiz Braga — ARENA
Mário Piva — MDB
Ney Ferreira — MDB

Nonato Marques — ARENA (SE)
Odulfo Domingues — ARENA
Oscar Cardoso — ARENA
Raimundo Brito — ARENA
Rubem Nogueira — ARENA
Ruy Santos — ARENA
Theódulo de Albuquerque — ARENA
Vasco Filho — ARENA
Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Agilano Dario — MDB (26.12.68)
Feu Rosa — ARENA
João Calmon — ARENA
Mário Gurgel — MDB
Oswaldo Zanello — ARENA
Parente Frota — ARENA
Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB
Afonso Celso — MDB

Altair Lima — MDB
 Daso Coimbra — ARENA
 Dayl de Almeida — ARENA
 Getúlio Moura — MDB
 José Saly — ARENA
 Júlia Steinbruch — MDB
 Mário de Abreu — ARENA
 Mário Tamborindéguy — ARENA
 Miguel Couto — ARENA (SE)
 Paulo Biar — ARENA
 Pereira Pinto — MDB (22.2.69)
 Raymundo Padilha — ARENA
 Sadi Bogado — MDB

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA ... (UNESCO)
 Breno Silveira — MDB
 Cardoso de Menezes — ARENA
 Erasmo Martins-Pedro — MDB
 Hermano Alves — MDB
 Jamil Amiden — MDB
 Márcio Moreira Alves — MDB
 Mendes de Moraes — ARENA
 Nelson Carneiro — MDB
 Pedro Faria — MDB
 Raul Brunini — MDB
 Reinaldo Sant'Anna — MDB
 Rubem Medina — MDB
 Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
 Aureliano Chaves — ARENA
 Bentô Gonçalves — ARENA
 Celso Passos — MDB
 Dnar Mendes — ARENA
 Edgard-Martins Pereira — ARENA
 Elias Carmo — ARENA
 Francelino Pereira — ARENA
 Geraldo Freire — ARENA
 Gilberto Almeida — ARENA
 Guilherme Machado — ARENA
 Guilhermino de Oliveira — ARENA
 Gustavo Capanema — ARENA
 Hélio Garcia — ARENA
 Hugo Aguiar — ARENA
 Israel Pinheiro Filho — ARENA
 José Bonifácio — ARENA
 José-Maria Magalhães — MDB
 Luís de Paula — ARENA
 Manoel de Almeida — ARENA
 Manoel Taveira — ARENA
 Marcial do Lago — ARENA (SE)
 Mata Machado — MDB
 Maurício de Andrade — ARENA
 Milton Reis — MDB
 Murilo Badaró — ARENA
 Nisia Carone — MDB
 Nogueira de Resende — ARENA
 Ozanan-Coelho — ARENA
 Padre Nobre — MDB
 Paulo Freire — ARENA
 Pedro Vidigal — ARENA
 Renato Azeredo — MDB
 Simão da Cunha — MDB
 Sinval Boaventura — ARENA

Teófilo Pires — ARENA (SE)
 Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDB
 Alceu de Carvalho — MDB
 Amaral Furlan — ARENA
 Aniz Badra — ARENA
 Armindo Mastrocola — ARENA
 Athié Couri — MDB
 Baptista Ramos — ARENA
 Broca Filho — ARENA
 Campos Vergal — ARENA (28 de dezembro de 1968)
 Cantídio Sampaio — ARENA
 Carlos Alves — ARENA
 Celso Amaral — ARENA
 Chaves Amarante — ARENA
 Cunha Bueiro — ARENA
 David Lerer — MDB
 Dias Menezes — MDB
 Dorival de Abreu — MDB
 Emerenciano de Barros — MDB
 Ewáldo Pinto — MDB
 Franco Montoro — MDB
 Gastone Righi — MDB
 Harry Normanton — ARENA
 Hélio Navarro — MDB
 Israel Novaes — ARENA
 Italo Pittipaldi — ARENA
 José Resegue — ARENA
 Lacorte Vitale — ARENA
 Lauro Cruz — ARENA (SE)
 Leonardo Monaco — ARENA (SE)
 Levi Tavares — MDB
 Lurtz Sabiá — MDB
 Mário Covas — MDB
 Nicolau Tuma — ARENA
 Paulo Abreu — ARENA
 Pedro Marão — MDB
 Plínio Salgado — ARENA
 Sussumu Hirata — ARENA
 Ulysses Guimarães — MDB
 Yukishigue Tamura — ARENA

Goias:

Anapolino de Faria — MDB
 Antônio Magalhães — MDB
 Ary Valadão — ARENA
 Benedito Ferreira — ARENA
 Celestino Filho — MDB
 Emival Caiado — ARENA
 Jales Machado — ARENA
 Joaquim Cordeiro — ARENA
 José Freire — MDB
 Lisboa Machado — ARENA
 Paulo Campos — MDB
 Rezende Monteiro — ARENA
 Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:

Edyl Ferraz — ARENA
 Feliciano Figueiredo — MDB
 Garçit. Neto — ARENA
 Marcílio Lima — ARENA
 Rachid Mamede — ARENA
 Saldanha Derzi — ARENA
 Weimar Torres — ARENA

Paraná:

Accioly Filho — ARENA
 Agostinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emílio Gomes — ARENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Peres — ARENA
 Jorge Cury — ARENA
 José Richa — MDB
 Leo Neves — MDB
 Lyrio Bertolli — ARENA
 Maia Neto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zeni — ARENA
 Aroldo Carvalho — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Joaquim Ramos — ARENA
 Lenoir Vargas — ARENA
 Lígia-Doutel de Andrade — MDB
 Osmar Cunha — ARENA
 Osmar Dutra — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB

Rio Grande do Sul:

Adylio Viana — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Sousa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arlindo Kunsler — ARENA
 Arnaldo Prietto — ARENA
 Ary Alcântara — ARENA
 Brito Velho — ARENA
 Clóvis Pestana — ARENA
 Daniel Faraço — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Floriceno Paixão — MDB
 Henrique Henkin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Lauro Leitão — ARENA
 Mariano Beck — MDB
 Matheus Schmidt — MDB
 Nadir Rosseti — MDB
 Paulo Brossard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zaire Nunes — MDB
 Amapá:
 Janary Nunes — ARENA
 Rondônia:
 Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968)

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — As listas de presença acusam o comparecimento de 41 Srs. Senadores e 296 Senhores Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão. Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que é sem debate aprovada.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — A presente sessão foi convocada para a leitura da Mensagem n.º 26-68 (CN), de 4 do mês em curso, com a qual o Presidente da República encaminhou ao Congresso Nacional para tramitação na forma estabelecida no art. 54, § 3º, da Constituição, o Projeto de Lei n.º 23, de 1968 (CN), que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n.º 37, de 18 de novembro de 1966.

Vai-se proceder à leitura da Mensagem pelo Sr. 1º Secretário.

E' lida a seguinte

Mensagem n.º 26, de 1968 (C.N.)

(N: 551, NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA)

Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional:

Na forma do § 3 do art. 54 da Constituição, tenho a honra de submeter à deliberação de Vossas Excelências, acompanhado de exposição de motivos dos Senhores Ministros de Estado da Fazenda, Planejamento e Coordenação Geral e das Minas e Energia, o anexo projeto de lei que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n.º 37, de 18 de novembro de 1966.

Brasília, em 4 de setembro de 1968.
 A. Costa e Silva.

E.M. n.º 47-68-GB

EXPOSIÇÃO D'EMOTIVOS

N.º 47-68-GB

Em 15 de junho de 1968.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República:

O Decreto-Lei n.º 4.352, de 1º de junho de 1942, que autorizou a constituição da Cia. Vale do Rio Doce assegurou a empréstia, em seu art. 9º, a isenção do imposto de importação e de taxas sobre os materiais e equipamentos importados.

2. A Cia. Vale do Rio Doce gozou daquela imunidade fiscal até o advento do Decreto-Lei n.º 37, de 18 de novembro de 1966, que dispôs sobre o imposto de importação e revogou a maioria das isenções concedidas por leis anteriores.

3. Entretanto, o referido diploma legal, em seu art. 174, parágrafo único, inciso IV, manteve as isenções previstas nas Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953 (Empresas nacionais concessionárias de navegação aérea); 2.004 de 3 de outubro de 1953 (PETROBRAS); 3.890-A, de 25 de abril de 1961 (ELETTROBRAS); e 5.173, de 27 de outubro de 1966 (SUDAM).

4. Destarte, foi excluída a Cia. Vale do Rio Doce da imunidade fiscal, de que gozava até agora.

5. Embora compreensível que se mantenha a isenção do imposto de importação para entidades incumbidas da execução de monopólio estatal, como a PETROBRAS, não se justifica, todavia, que dessa isenção seja excluída empresa sob o controle acionário da União, como a CVRD, que exerce atividade do maior interesse público, tanto mais quanto, da mesma isenção, se beneficiam sociedades privadas, como as empresas de navegação aérea e outras dedicadas à indústria gráfica ou à fabricação de fertilizantes e inseticidas.

6. Por outro lado em face dos programas de desenvolvimento nacional, a CVRD pode ser considerada, sob certos aspectos, em situação semelhante à da ELETTROBRAS, por isso que, se a esta cabe a execução da política de

energia elétrica, aquela incumba importante função na política do mineiro de ferro e sua comercialização.

7. Cumpre, ainda, ressaltar que o Decreto-Lei n.º 37 em seu art. 14, isenta do imposto as mercadorias utilizadas por empresas-exportadoras, desde que essas mercadorias sejam incorporadas aos produtos por elas exportados. Entretanto, nesse dispositivo não se enquadra a CVRD, que, embora sendo a maior empresa exportadora do País para a realização de suas exportações de minério só importa equipamentos e peças para os mesmos.

8. Examinando o assunto à luz do espírito do Decreto-Lei n.º 37, parece que não há razão para a revogação da isenção tributária concedida à CVRD, pela lei que autorizou a sua constituição.

9. Em vista do exposto e considerando que o restabelecimento daquela imunidade fiscal é de maior relevância para a expansão das atividades da Cia. Vale do Rio Doce, temos a honra de sugerir a Vossa Excelência o encaminhamento ao Congresso Nacional do anexo projeto de lei, que dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n.º 37, de 18 de novembro de 1966, para o efeito de incluir, entre as isenções previstas no seu texto, a de que trata o art. 9º do Decreto-Lei n.º 4.352, de 1º de junho de 1942.

Aproveitamos o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos do nosso profundo respeito. — José Costa Cavalcanti, Ministro das Minas e Energia, — Antônio Deljim Netto, Ministro da Fazenda — Hélio Beltrão, Ministro do Planejamento e Coordenação Geral.

PROJETO DE LEI Nº 23, DE 1968 (C.N.)

Dá nova redação ao inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei n.º 37 de 18 de novembro de 1966.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O inciso IV do parágrafo único do art. 174 do Decreto-Lei número 37, de 18 de novembro de 1966, passa a vigorar com a seguinte redação:

"IV previstas no Decreto-Lei número 4.352, de 1º de junho de 1942; Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953; 2.004, de 3 de outubro de 1953; 3.890-A de 25 de abril de 1961; 4.287, de 3 de dezembro de 1963; e 5.173, de 27 de outubro de 1966";

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em ... de de 1968.

LEGISLAÇÃO CITADA

DECRETO-LEI Nº 37 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1966

Dispõe sobre o imposto de importação, reorganiza os serviços aduaneiros, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 81, parágrafo único, do Ato Institucional n.º 2, de 27 de outubro de 1965, decreta:

CAPÍTULO III

Comitê Brasileiro de Nomenclatura

TÍTULO VIII

Disposições Finais e Transitórias

Art. 174 Dentro de 2 (dois) anos, a partir da publicação deste Decreto-Lei ficará revogada toda e qualquer isenção ou redução do imposto de importação concedida por leis anteriores.

Parágrafo único. Não estão compre-

endidas na revogação prevista neste artigo as isenções cu reduções:

"IV — Previstas nas Leis números 1.815, de 13 de fevereiro de 1953, 2.004, de 3 de outubro de 1953, 3.890-A de 25 de abril de 1961, 4.287, de 3 de dezembro de 1963, e 5.173, de 27 de outubro de 1966."

DECRETO-LEI Nº 4.352 DE 1º DE JUNHO DE 1942

Encampa a Companhia Brasileira Itabira de Mineração e Siderurgia S.A. e Itabira de Mineração S.A., e dá outras providências.

Art. 6º Para exploração das jazidas de ferro de Itabira e do tráfego da Estrada de Ferro Vitória-Minas, fica o Superintendente autorizado a praticar todos os atos necessários à constituição de uma sociedade anônima nas condições adiante fixadas.

Art. 9º Fica assegurada a isenção do imposto de importação e demais taxas sobre os materiais e equipamentos importados com destino aos serviços previstos nesta Lei.

LEI Nº 1.815 DE 13 DE FEVEREIRO DE 1953

Beneficia as empresas concessionárias de linhas regulares de navegação aérea, e dá outras providências.

Art. 2º Com exceção do imposto de renda, ficam as mesmas empresas isentas do pagamento de todo e qualquer imposto federal e, bem assim, de direitos e taxas de importação e previdência social e do imposto de consumo, relativos a aeronaves montadas ou desmontadas e peças respectivas, motores e respectivas peças, gasolina apropriada, óleos e lubrificantes especiais, pneumáticos de aviões, aparelhos radiotelegráficos usados na aviação, instrumentos de navegação aérea, aparelhos salva-vidas para aeronaves, postes material e ferramentas para faróis e demais apetrechos para sinalização de aeródromos e hangares e oficinas reparados.

LEI Nº 2.004 DE 3 DE OUTUBRO DE 1953

Dispõe sobre a política nacional do Petróleo e define as atribuições do Conselho Nacional do Petróleo, institui a sociedade por ações Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima e dá outras providências.

Art. 23. A sociedade gozará de isenção de direitos de importação para consumo e de impostos adicionais em relação aos maquinismos, seus sobressalentes e acessórios, ferramentas, instrumentos e materiais destinados à construção, instalação, ampliação, melhoramento, funcionamento, exploração, conservação e manutenção de suas instalações, para os fins a que se destinam.

Parágrafo único. Todos os materiais e mercadorias referidos neste artigo, com restrição quanto às similares de produção nacional, serão desembaraçados mediante portaria dos inspetores das alfândegas.

LEI Nº 3.890-A DE 25 DE ABRIL DE 1961

Autoriza a União a constituir a empresa Centrais Elétricas Brasileiras S.A. — ELETROBRÁS, e dá outras providências.

Art. 18. A sociedade e suas subsidiárias (VETADO) gozarão de isenção de tributos (VETADO) incidentes sobre a importação de maquinismos, seus sobressalentes e acessórios, aparelhos, ferramentas, instrumentos e materiais destinados à construção, ins-

talação, ampliação, melhoramentos, funcionamento, exploração, conservação, melhoramentos, funcionamento, exploração, conservação e manutenção das instalações, desde que não existam similares de produção nacional.

LEI Nº 4.287 DE 3 DE DEZEMBRO DE 1963

Concede isenção fiscal à Petróleo Brasileiro S.A. e suas subsidiárias, a partir de 1º de janeiro de 1963, e dá outras providências.

Art. 1º A Petróleo Brasileiro S.A. — PETROBRÁS e as demais empresas que vier a organizar nos termos da Lei nº 2.004 de 3 de outubro de 1953, ficam isentas de penalidades fiscais e do pagamento dos seguintes tributos federais:

"IV — impostos ou direitos de importação para consumo, inclusive adicionais e taxas de despacho aduaneiro, bem como emolumentos consulares, com relação aos maquinismos, seus sobressalentes e acessórios, aparelhos, ferramentas, instrumentos e materiais de qualquer natureza, destinados à construção, instalação, ampliação, melhoramento, funcionamento, exploração, conservação e manutenção de suas instalações, para os fins a que se destinem".

LEI Nº 5.173 DE 27 DE OUTUBRO DE 1966

Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Art. 38 A SUDAM goza da imunidade estatuída no art. 31, item V, letra a, da Constituição Federal, bem como de todas as isenções tributárias deferidas aos órgãos e serviços da União.

O SR. PRESIDENTE:

Aarão Steinbruch) — De acordo com as indicações das Lideranças, está assim constituída a Comissão Mista incumbida de emitir parecer sobre o Projeto.

ARENA

Senadores

1. Carlos Lindemberg
2. Eurico Rezende
3. Raul Giubert
4. Antônio Carlo
5. Flávio Brito
6. José Leite
7. Paulo Torres

Deputados

1. Raimundo Andrade
2. Oceano Carleial
3. Cid Sampaio
4. Alberto Hoffmann
5. Jales Machado
6. Temístocles Teixeira
7. Montenegro Duarte

M D B

Senadores

1. Argemiro de Figueiredo
 2. Bezerra Neto
 3. José Ermirio
 4. Desiré Guarani
- Deputados
1. Celso Passos
 2. Argilano Dário
 3. Doin Vieira
 4. Nysia Carone

É o segredo o calendário que será observado da matéria:

Dia 10 de setembro — Instalação da Comissão Mista. Escolha do Presidente e do Vice-Presidente e designação dos membros.

Dias 11, 12, 13, 16 e 17 de setembro — Apresentação de emendas perante a Comissão.

Dia 27 de setembro — Apresentação do Parecer pela Comissão.

Dia 28 de setembro — Publicação do Parecer.

Dia 3 de outubro — Discussão do Projeto.

Convocação dos Congressistas para a sessão conjunta que será realizada no dia 3, às 21 horas, para discussão do Projeto de Lei nº 23, de 1968. (C.N.). Nada mais havendo a tratar, encerra a sessão.

Encerra-se a Sessão às 20 horas e 40 minutos

ATA DA 68ª SESSÃO CONJUNTA, EM 5 DE SETEMBRO DE 1968.

2ª Sessão Legislativa Ordinária, 6ª Legislação PRESIDÊNCIA DO SR. AARÃO STEINBRUCH.

As 21 horas acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Senr
Flávio Brito
Edmundo Levi
Milton Trindade
Cattete Pinheiro
Lobão da Silveira
Clodomir Milet
Sebastião Archer
Victorino Freire
Petrônio Portela
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Duarte Filho
Dinarte Mariz
Argemiro de Figueiredo
Pessoa de Queiroz
Júlio Leite
Aloysio de Carvalho
Antônio Balbino
Josaphat Marinho
Carlos Lindemberg
Paulo Torres
Aarão Steinbruch
Vasconcelos Torres
Aurélio Vianna
Gilberto Marinho
Nogueira da Gama
Carvalho Pinto
João Abrahão
Armando Storni
Pedro Ludovico
Fernando Corrêa
Ney Braga
Apolpho Franco
Mello Braga
Celso Ramos
Antônio Carlos
Atilio Fontana

Guido Mondim
Daniel Krieger

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA
Maria Lúcia Araújo — MDB
Mário Maia — MDB
Nasser Almeida — ARENA
Ruy Lino — MDB
Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA
Bernardo Cabral — MDB
Carvalho Leal — ARENA (28.2.69)
José Lindoso — ARENA
Raimundo Parente — ARENA
Wilson Calmon — ARENA (1.11.69)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA
Gabriel Hermes — ARENA
Gilberto Azevedo — ARENA
Haroldo Velloso — ARENA
Hélio Gueiros — MDB
Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18.9.68)
Alexandre Costa — ARENA
Américo de Souza — ARENA
Cid Carvalho — MDB
Henrique de La Rocque — ARENA
José Burnett — MDB
José Marão Filho — ARENA
Nunes Freire — ARENA
Pires Saboia — ARENA
Temístocles Teixeira — ARENA
Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB
Ezequias Costa — ARENA
Fausto Castelo Branco — ARENA
Joaquim Parente — ARENA
Milton Brandão — ARENA
Paulo Ferraz — ARENA
Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA
Edilson Melo Távora — ARENA
Ernesto Valente — ARENA
Figueiredo Corrêa — MDB
Furtado Leite — ARENA
Hildebrando Guimarães — ARENA (17.1.69)
Jonas Carlos — ARENA
Leão Sampaio — ARENA
Manuel Rodrigues — ARENA
Martins Rodrigues — MDB
Wilson Roriz — ARENA
Rio Grande do Norte:
Agenor Maria — ARENA (23.1.69)
Alvaro Motta — ARENA (23.1.69)
Eriyan França — ARENA (17.1.69)
Grimaldi Ribeiro — ARENA

Theodorico Bezerra — ARENA
Paraíba:

Bivar Dintho — MDB
Ernani Satyro — ARENA
Humberto Lucena — MDB
Janduby Carneiro — MDB
João Fernandes — MDB (27.10.68)
Monsenhor Vieira — ARENA
Osmar de Aquino — MDB (29 de dezembro de 1968)
Pedro Gondim — ARENA
Plínio Lemos — ARENA (1.1.69)
Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA
Alde Sampaio — ARENA (31.12.68)
Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)
Antônio Neves — MDB
Aurino Valois — ARENA
Cid Sampaio — ARENA
Geraldo Guedes — ARENA
João Roma — ARENA
José-Carlos Guerra — ARENA
Josias Leite — ARENA
Milvernes Lima — ARENA
Paulo Maciel — ARENA
Petronílio Santa Cruz — MDB (7 de setembro de 1968)

Souto Maior — ARENA
Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA
Djalma Falcão — MDB
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA
Oséas Cardoso — ARENA
Pereira Lúcio — ARENA
Segismundo Andrade — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luís Garcia — ARENA
Machado Rollemberg — ARENA
Passos Pôrto — ARENA
Raimundo Diniz — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA
Clodoaldo Costa — ARENA
Edgard Pereira — MDB
Edwaldo Flôres — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA
João Alves — ARENA
João Borges — MDB
Josaphat Azevedo — ARENA (SE)
José Penedo — ARENA
Luís Athayde — ARENA
Luiz Braga — ARENA
Mário Fiva — MDB
Ney Ferreira — MDB
Nonato Marques — ARENA (SE)
Odolfo Domingues — ARENA
Oscar Cardoso — ARENA
Raimundo Brito — ARENA
Rubem Nogueira — ARENA
Ruy Santos — ARENA
Theódulo de Albuquerque — ARENA

Vasco Filho — ARENA
Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (27.12.68)
Feu Rosa — ARENA
João Calmon — ARENA
Mário Gurgel — MDB
Oswaldo Zanello — ARENA
Parente Frota — ARENA
Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB
Affonso Celso — MDB
Altair Lima — MDB
Daso Coimbra — ARENA
Dayl de Almeida — ARENA
Getúlio Moura — MDB
José Saly — ARENA
Júlia Steinbruch — MDB
Mário de Abreu — ARENA
Mário Tamborindéguy — ARENA
Miguel Couto — ARENA (SE)
Paulo Biar — ARENA
Pereira Pinto — MDB (32.2.69)
Raymundo Padilha — ARENA
Sadê Bogado — MDB

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA (UNESCO)
Breno Silveira — MDB
Cardoso de Menezes — ARENA
Erasmo Martins-Pedro — MDB
Hermano Martins-Pedro — MDB
Hermano Alves — MDB
Jamil Amiden — MDB
Márcio Moreira Alves — MDB
Mendes de Moraes — ARENA
Nelson Carneiro — MDB
Pedro Faria — MDB
Raul Brunini — MDB
Reinaldo Sant'Anna — MDB
Rubem Medina — MDB
Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
Aureliano Chaves — ARENA
Bento Gonçalves — ARENA
Celso Passos — MDB
Dnar Mendes — ARENA
Edgar-Martins Pereira — ARENA
Elias Carmo — ARENA
Francelino Pereira — ARENA
Geraldo Freire — ARENA
Gilberto Almeida — ARENA
Guilherme Machado — ARENA
Guilhermino de Oliveira — ARENA
Gustavo Capanema — ARENA
Hélio Garcia — ARENA
Hugo Aguiar — ARENA
Israel Pinheiro Filho — ARENA
José Bonifácio — ARENA
José-Maria Magalhães — MDB
Luís de Paula — ARENA
Manoel de Almeida — ARENA
Manoel Taveira — ARENA

Marcial do Lago — ARENA (SE)
Mata Machado — MDB
Maurício de Andrade — ARENA
Milton Reis — MDB
Murilo Badaró — ARENA
Nísia Carone — MDB
Nogueira de Resende — ARENA
Ozanam Coelho — ARENA
Padre Nobre — MDB
Paulo Freire — ARENA
Pedro Vidigal — ARENA
Renato Azeredo — MDB
Samão da Cunha — MDB
Sinval Boaventura — ARENA
Teófilo Pires — ARENA (SE)
Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDB
Alceu de Carvalho — MDB
Amaral Furlan — ARENA
Aniz Badra — ARENA
Armindo Mastrocolla — ARENA
Athiê Couri — MDB
Baptista Ramos — ARENA
Broca Filho — ARENA
Campos Vergal — ARENA (28.12.68)
Cantídio Sampaio — ARENA
Cardoso Alves — ARENA
Celso Amaral — ARENA
Chaves Amarante — ARENA
Cunha Bueno — ARENA
David Lerer — MDB
Dias Menezes — MDB
Dorival de Abreu — MDB
Emerenciano de Barros — MDB
Ewaldito Pinto — MDB
Franco Montero — MDB
Gastone Righi — MDB
Harry Normaton — ARENA
Hélio Navarro — MDB
Israel Novaes — ARENA
Italo Fittipaldi — ARENA
José Resegue — ARENA
Lacorte Vitale — ARENA
Lauro Cruz — ARENA (SE)
Leonardo Monaco — ARENA (SE)
Levi Tavares — MDB
Lurtz Sabiá — MDB
Mário Covas — MDB
Nicolau Tuma — ARENA
Paulo Abreu — ARENA
Pedro Marão — MDB
Plínio Salgado — ARENA
Sussumu Hirata — ARENA
Ulysses Guimarães — MDB
Yukishigue Tamura — ARENA

Goiás:

Anapolino de Faria — MDB
Antônio Magalhães — MDB
Ary Valadão — ARENA
Benedito Ferreira — ARENA
Celestino Filho — MDB
Emival Caiado — ARENA
Jales Machado — ARENA
Joaquim Cordeiro — ARENA

José Freire — MDB
Lisboa Machado — ARENA
Paulo Campos — MDB
Rezende Monteiro — ARENA
Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:

Edyl Ferraz — ARENA
Feliciano Figueiredo — MDB
Garcia Neto — ARENA
Marcílio Lima — ARENA
Rachid Mamede — ARENA
Saldanha Derzi — ARENA
Weimar Torres — ARENA

Paraná:

Accioly Filho — ARENA
Agostinho Rodrigues — ARENA
Antônio Anibelli — MDB
Cid Rocha — ARENA
Emílio Gomes — RENA
Fernando Gama — MDB
Haroldo Leon-Peres — ARENA
Jorge Cury — ARENA
José Richa — MDB
Leo Neves — MDB
Lyrio Bertolli — ARENA
Maia Neto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
Albino Zeni — ARENA
Aroldo Carvalho — ARENA
Carneiro Loyola — ARENA
Doin Vieira — MDB
Genésio Lins — ARENA
Joaquim Ramos — ARENA
Ligia-Doutel de Andrade — MDB
Lenoir Vargas — ARENA
Osmar Cunha — ARENA
Osni Regis — ARENA
Paulo Macarini — MDB

Rio Grande do Sul:

Adylio Viana — MDB
Alberto Hoffmann — ARENA
Aldo Fagundes — MDB
Amaral de Sousa — ARENA
Antônio Bresolin — MDB
Arlindo Kunsler — ARENA
Arnaldo Prietto — ARENA
Ary Alcântara — ARENA
Bruto Velho — ARENA
Clóvis Pastana — ARENA
Daniel Faraco — ARENA
Eulides Triches — ARENA
Florêncio Paixão — MDB
Henrique Henkin — MDB
Jairo Brun — MDB
José Mandelli — MDB
Lauro Leitão — ARENA
Mariano Beck — MDB
Matheus Schmidt — MDB
Nadir Rossetti — MDB
Paulo Brossard — MDB
Vasco Amaro — ARENA
Victor Issler — MDB
Zafre Nunes — MDB

Amapá:

Janary Nunes — ARENA

Rondônia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968)

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

SR. PRESIDENTE:

(Aurão Steinbruch) — As listas de presença acusam o comparecimento de 41 Srs. Senadores e 296 Senhores Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão. Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que é sem debate aprovada.

O SR. PRESIDENTE:

(Aurão Steinbruch) — Sobre a mesa expediente que vai ler lido pelo Senhor 1º Secretário.

É lido o seguinte

Declaração

Da Grande Assembleia Nacional da República Socialista da Romênia, aliante aos princípios de base da política externa da Romênia.

A Grande Assembleia Nacional, reunida em Sessão Extraordinária, no dia 22 de agosto de 1968, julga necessário, como consequência da situação criada pela penetração das forças armadas de cinco países socialistas no território da República Socialista da Tchecoslováquia expor, com toda a clareza ao nosso povo, a opinião pública internacional, a posição principal da Romênia em ligação com as relações entre os países socialistas, entre todos os estados do globo, sem diferença da ordem social.

A integral política externa do partido e do estado romeno é repassada de zelo e preocupação cheia de responsabilidade pela causa da amizade e colaboração entre os estados socialistas, da unidade do sistema socialista mundial, pelo descobrimento de caminhos capazes de superarem as dificuldades da coesão do movimento comunista e trabalhista internacional. A atividade desenvolvida por nosso país no plano exterior demonstra plenamente que o Partido Comunista Romeno e o Governo da República Socialista da Romênia são animados por um profundo espírito internacionalista, que lhes são caras as relações de amizade fraterna com todos os países socialistas, com todos os partidos comunistas e trabalhistas, com todas as forças que lutam contra o imperialismo, pela democracia e pelo progresso social, pela liberdade e independência nacionais, pela paz no mundo.

A Grande Assembleia Nacional, como todo o povo romeno, dá uma importância toda especial ao desenvolvimento da colaboração amistosa com todos os países do sistema socialista. A cooperação multilateral econômica, científica e cultural entre os países do CAER (Conselho de Ajuda Econômica Recíproca) — do qual a Romênia participa ativamente — entre todos os estados socialistas, permite a aceleração do progresso de cada país em parte, o fortalecimento da força e do prestígio do sistema socialista no mundo inteiro.

A condição fundamental do desenvolvimento com sucesso dessa colaboração, do fortalecimento de suas alianças militares e políticas, da consolidação da unidade e coesão entre eles, da liquidação das divergências existentes — condições que tem sido motivo de pronunciamentos constantes do nosso partido e do estado — é o assentamento das relações na base dos princípios marxista-leninistas, do internacionalismo proletário, na base

do respeito da independência e da soberania de cada estado, da igualdade de direitos e não insculção nos negócios internos, da vantagem recíproca e de ajudas amistosas entre os estados. Isto representa a chave do cume da unidade dos países socialistas, e exigência mais imperiosa do fortalecimento do sistema socialista mundial, um dos fatores fundamentais do qual depende o avanço para a frente da ordem socialista e comunista, a realização dos ideais dos povos que tomaram o destino em suas próprias mãos, dos ideais de justiça social e nacional de todos os povos.

É sabido que a maior aspiração dos povos na época contemporânea, aspiração que se firma com força irresistível na arena mundial, é a conquista do direito de cada qual decidir seu próprio destino, conforme o desejo e os seus interesses, sem interferência de fora, conquista e defesa da liberdade e independência nacionais, a consolidação da soberania de cada nação. Esse ideal caracteriza a luta de todas as forças revolucionárias das massas populares de toda parte, sendo um desiderato que atrai cada vez mais maior número de aderentes em todos os continentes, mobilizando e animando os círculos mais largos da opinião pública mundial.

Em tais condições, o supremo dever dos países socialistas consiste em oferecer um modelo convincente, vivo, da realização em vida desses ideais, da materialização em prática das aspirações dos povos ávidos de viverem em paz e amizade, estima e respeito recíprocos. Consideramos que a missão dos países socialistas, dos partidos comunistas e trabalhistas é a de situar-se permanentemente na vanguarda da luta revolucionária pela liberdade e independência nacionais, como portabandeira desses ideais ardentes da nossa época, mobilizar nessa luta todos os povos, a colossal frente anti-imperialista mundial.

A base objetiva para alcançar essa meta é a comunidade da ordem social de todos os países socialistas, a ideologia comum marxista-leninista, os interesses e os ideais supremos comuns de todo o movimento comunista e trabalhista.

A Grande Assembleia Nacional da República Socialista da Romênia expressa sua convicção que nada pode minar mais o prestígio internacional do socialismo, a autoridade dos estados socialistas na arena mundial, a influência dos ideais comunistas no mundo inteiro, que o pisoteio desses princípios nas relações entre os estados socialistas, o uso de métodos reprováveis de insculção nos negócios internos de alguns países socialistas. O emprego de semelhantes métodos, já de há muito condenados pelo movimento comunista e trabalhista internacional, já incriminados por todos os países socialistas — e mais ainda as intervenções armadas, a ocupação militar do território de um estado irmão — traz o mais grave prejuízo à luta das forças revolucionárias de todos os países pelos ideais de liberdade social e nacional, pelo triunfo da causa de Marx, Engels e Lenine.

Somente os órgãos eleitos do partido e do estado carregam a responsabilidade dos destinos de uma nação socialista, podem decidir quando está e quando não está em perigo a causa do socialismo e as conquistas revolucionárias do povo, podem solicitar ou não a ajuda política, militar ou de qualquer outra natureza dos demais países socialistas.

Desprezar esses órgãos, acionar contra a sua vontade, e sem o seu conhecimento, apreciar a situação de um país socialista — e acionar em consequência — na base de informações unilaterais ou tendenciosas de certos grupos ou pessoas, significa pisotear o princípio sacro da soberania de um povo socialista, dum partido comunista irmão dirigente, criar uma situação arbitrária extremamen-

te perigosa para as relações entre países socialistas, para a causa da colaboração e amizade entre os povos.

O fortalecimento da amizade e da colaboração entre os partidos e os nossos povos está estreitamente ligado à asseguarção de informações mais amplas, corretas e objetivas da opinião pública de cada país, com vistas ao estado de coisas de outros partidos ou países socialistas.

Somente nesta base podem os povos conhecer as realidades dos demais países socialistas, somente neste caminho pode-se contrair de fato para o desenvolvimento da amizade e da colaboração entre os países socialistas, comunistas e trabalhistas.

As realidades políticas e a vida, demonstraram que única modalidade racional e eficiente da solução das divergências, dos pontos de vista diferentes entre os países socialistas, é a discussão amigável, baseada no respeito, na confiança recíproca entre as direções partidárias e estatais dos respectivos países, e descobrimento através de esforços pacientes, perseverantes, sinceros, de umas soluções recíprocas aceitáveis, que possam eliminar os malentendidos entre os partidos e assegurar as relações de colaboração amigável e internacionalistas entre os países socialistas. Pronunciemo-nos decididamente contra a prática de estigmas aplicadas a uns partidos de países socialistas irmãos, na base de informações colhidas de fora, acima dos dirigentes de partidos e de estados. Tal prática só pode envenenar as relações e impedir a colaboração fraterna entre os partidos e os países socialistas. Por isso, devemos acionar para eliminar totalmente e, duma vez para sempre, semelhantes práticas. Elas são estranhas aos princípios nos quais se baseiam as relações entre os partidos e os nossos países, estranhas ao espírito marxista-leninista. Admiti-las continuamente na vida e na atividade dos partidos significaria tolerar o pisoteio dos princípios marxista-leninistas. Nosso partido está firmemente decidido a fazer tudo a fim de contribuir para a coroação em vida do sistema socialista mundial, do movimento comunista e trabalhista, dos princípios do comunismo, do marxismo-leninismo, tal como foram concebidos por Marx e Lenine, da nossa ideologia plenamente vitoriosa, que assegura a perspectiva da florescimento multilateral de todas as nações.

Ao mesmo tempo, consideramos que em caso algum os distintos pontos de vista, que podem surgir entre os países socialistas, em ligação com a interpretação de um ou outro problema da construção do socialismo, do movimento socialista e da situação internacional — não devem ter repercussão no plano das relações internacionais, nem levar a pressões econômicas, políticas ou de qualquer outra natureza.

A Grande Assembleia Nacional da República Socialista da Romênia, o partido e o governo, todo o povo romeno, declaram que estão firmemente decididos a acionar nas suas relações de colaboração e amizade com os países socialistas, exclusivamente na base dos princípios do internacionalismo socialista, militando com firmeza pelo respeito do direito inalienável de cada povo para decidir sozinho seu próprio destino, pela eleição de formas concretas da edificação do socialismo. É da competência exclusiva de cada partido comunista ou estado socialista de estabelecer métodos e práticas de construção da sociedade socialista, da política interna e externa do país, aplicando em modo criador os ensinamentos gerais do marxismo-leninismo na situação concreta do respectivo país. Isto não pode nem deve ser objeto de disputa ou de ingerência nos negócios externos de um estado socialista.

A Romênia afirma sua plena lealdade para com as suas alianças políticas e militares com os países socialistas irmãos, sua firme decisão de respeitá-los devidamente, vendo nisso uma garantia para a defesa de cada estado socialista em face de uma agressão imperialista, da consolidação da força de defesa de todo o sistema socialista, da defesa da paz no mundo. A Grande Assembleia Nacional exprime o desejo do povo romeno de desenvolver as relações amistosas com os povos da União Soviética, com os quais somos ligados por velhas tradições de amizade e boa vizinhança, por laços de solidariedade internacionalista, de estender e fortalecer a aliança e a amizade duradoura com os demais países socialistas vizinhos, Iugoslávia, Bulgária, Hungria, com a Tcheco-eslováquia, Polónia, República Democrática Alemã — o primeiro estado socialista dos trabalhadores e camponeses da Alemanha com Albânia, com os estados socialistas da Ásia, República Popular Chinesa, República Democrática do Vietname, República Democrática da Coreia, Mongólia, com o primeiro estado socialista do continente americano, Cuba. A Grande Assembleia Nacional da República Socialista da Romênia dirige ao Supremo Soviet da URSS, aos parlamentos dos demais países irmãos, aos governos e partidos comunistas de todos os países socialistas irmãos, um apelo solene no sentido de fazer tudo pela firme promoção dos princípios internacionalistas nas relações no seio do sistema socialista, de não permitir de forma alguma o desprestígio desses princípios, atingir a liberdade, a independência e a soberania nacional de qualquer povo. Com isso nos colocamos na altura da confiança dos povos, na altura da confiança e anseios de toda a humanidade.

O desenvolvimento da vida internacional põe em evidência o perigo que vem representando para as conquistas revolucionárias e progressistas dos povos a atividade do imperialismo contemporâneo, que leva a cabo uma política agressiva, de tensão, intensificação de complôs e golpes de estado, provoca contra a independência dos povos, encoraja forças militaristas, cria e mantém focos de guerra pelo mundo. Em semelhantes condições, a asseguração da capacidade de defesa dos países socialistas e sua luta unida constituem um sagrado dever para os partidos comunistas e trabalhistas desses países, dos governos e órgãos supremos do estado, um dever de suprema responsabilidade perante a classe operária e as forças da paz no mundo inteiro.

Conforme a essas finalidades e em consequência da criação do bloco agressivo NATO, foi criada a Organização do Tratado de Varsóvia, da qual a Romênia faz parte desde a sua fundação. Como membro do Tratado, a Romênia vem cumprindo firmemente o seu dever, tratando do fortalecimento de sua capacidade de defesa, de suas forças armadas, que velam pela tranquilidade e segurança da pátria, desenvolvendo a colaboração militar com as forças armadas dos demais países socialistas participantes do Tratado. Julgamos que enquanto existir o bloco da NATO, é necessária a manutenção da Organização de Varsóvia.

Ao mesmo tempo, a Romênia sublinha com toda a firmeza que o Tratado de Varsóvia foi criado exclusivamente como instrumento de defesa dos países socialistas contra uma agressão de fora, contra um ataque imperialista. Esta foi, e será a única razão da sua existência. Por nenhum motivo, em caso algum, e sob nenhuma forma a organização do Tratado de Varsóvia pode ser convocado para ações militares contra qualquer país socialista.

O Tratado de Varsóvia pode ser concebido somente como uma orga-

nização de uns estados socialistas iguais em direitos. Por isso qualquer ato levado a efeito em nome do Tratado, qualquer ação militar cometida sob a sua égide deve ser o resultado de consultas e decisões comuns, unânimes, de todos os estados membros do Tratado, tal como foi previsto pelo mesmo. Medidas contrárias a essas normas não podem aliciar de modo algum o Tratado de Varsóvia como organização, todos os estados membros do mesmo.

No espírito do Tratado de Varsóvia, os países participantes têm por dever de se auxiliarem reciprocamente no caso de uma agressão imperialista, de conformidade com os princípios democráticos das normas constitucionais e com as próprias estipulações do Tratado; a solicitação da ajuda militar ou a decisão de participar numa ação militar comum pertencem à competência exclusiva dos órgãos legais do respectivo estado. Estes e só eles, estão em condições de decidirem nos assuntos de tamanha importância.

Na vida dos povos e países socialistas, tem grande importância a realização dos princípios da diplomacia preconizada por Lenine, como uma diplomacia aberta, profundamente democrática e popular, emanada da vontade e dos interesses de toda a nação. Um povo livre e dono do seu destino tem o direito de ser informado, de conhecer toda a atividade internacional do estado, todas as obrigações derivadas dos tratados e pactos políticos e militares em que se acia como participante o respectivo país.

A Grande Assembleia Nacional considera que os tratados que ligam a Romênia aos demais países, devem ser aprovados de modo obrigatório pelo Supremo Forum do Estado, para que todas as obrigações do nosso povo no que concerne à colaboração e cooperação militar com os demais países, qualquer cláusula atinente ao estacionamento de tropas aliadas no seu território, seja o resultado exclusivo da decisão expressa pelo parlamento, órgão supremo do poder de estado da nossa nação socialista. Isto é absolutamente necessário para garantir que todos os compromissos do país sejam emanados da vontade soberana do povo, de toda a nação, para que o povo possa acionar como um só, unido na realização de tais compromissos.

A Grande Assembleia Nacional reafirma a conhecida posição da Romênia no sentido de desenvolver relações com todos os países, indiferente de sua ordem social, na base dos princípios de independência, soberania, igualdade não ingerência nos negócios internos, vantagem recíproca. Somente o respeito destes princípios, que constituem normas fundamentais do Direito Internacional, podem garantir a firmeza do espírito de legalidade e justiça nas relações entre os estados, pode assegurar o direito intocável de cada povo, para decidir sozinho seu próprio destino. A promoção consequente, destes princípios, seu arraigamento na vida internacional é uma exigência de importância decisiva para o desenvolvimento das relações, de confiança entre os estados, para a aproximação entre os povos e fortalecimento da amizade entre eles, pelo desenvolvimento da colaboração e para a consolidação da paz no mundo.

A Grande Assembleia Nacional aprecia altamente a atividade levada a efeito pelo governo romeno para o desenvolvimento das relações em todos os planos com os estados do nosso continente, pela realização da segurança europeia, e considera que devem ser intensificados os esforços no sentido de assentar as relações entre todas as nações da Europa em novas bases, para uma proveitosa colaboração em todos os setores, entre todos os povos do continente, conforme aos

interesses da paz no mundo inteiro.

Neste ensejo dirigimos a todos os parlamentos, aos órgãos supremos de direção, aos governos de todos os países, grandes ou pequenos, que se carregam da responsabilidade dos destinos das suas nações e da paz, o apelo no sentido de desenvolverem a cooperação internacional, de acionarem incansavelmente pela diminuição da tensão, eliminação das fontes de suspeição nas relações entre os estados, pela afirmação do espírito de colaboração e respeito recíproco na vida internacional, pela consolidação dum clima duradouro de paz no mundo inteiro.

Accionando nesse espírito, cumprimos uma das obrigações primordiais perante os nossos povos, perante o futuro do mundo inteiro.

A Romênia considera que é preciso agir com decisão para se chegar ao desarmamento geral e, em primeiro lugar, para se realizar no menor prazo possível, a eliminação das armas atômicas, as quais constituem um perigo para a própria existência da humanidade. Essas armas devem ser tiradas e consideradas fora da lei, para que os povos possam viver sem o espectro do perigo duma guerra termo-nuclear. Devemos fazer tudo pela realização deste desiderato da humanidade.

A Romênia participa ativamente da inteira atividade da Organização das Nações Unidas, orientada na diminuição da tensão, para garantir a paz e a segurança no mundo, militando com extraordinária atenção pela realização dos princípios inscritos na Carta dessa organização.

A Grande Assembleia Nacional julga que deve ser realizada a universalidade da Organização das Nações Unidas, para que todos os estados do mundo possam levar a sua contribuição ativa no quadro dessa organização, melhorando a vida internacional, conforme os princípios da Carta ONU e suas finalidades. Esta organização tem por dever tomar todas as medidas necessárias quando a independência e a soberania de um estado membro da organização são pisoteadas, quando o país torna-se objeto duma invasão armada estrangeira. O respeito à soberania e à independência de todas as nações do mundo é um dever internacional primordial.

A Grande Assembleia Nacional exprime sua plena aprovação política externa internacionalista desenvolvida pelo partido comunista romeno e pelo nosso governo, seus grandes esforços, pela liquidação da tensão entre os países socialistas, entre os partidos comunistas e trabalhistas, ao fortalecimento da unidade entre os países socialistas e partidos comunistas irmãos.

A Grande Assembleia Nacional aprova integralmente as conclusões da sessão comum do Comité Central do Partido Comunista Romeno, do Conselho de Estado e do Conselho dos Ministros, realizada aos 21 de agosto deste ano, como também as medidas adotadas nessa ocasião para superar o grave momento pelo que passam as relações entre os países socialistas. A grande Assembleia Nacional exprime sua desaprovacão em face da miscicção nos negócios internos do povo tcheco-eslovaco, em face da intervenção militar dos cinco países na Tcheco-Eslováquia. Ela manifesta sua convicção de que se tornam necessários novos e perseverantes esforços para a solução da crise surgida em consequência dessa intervenção militar contra o povo tcheco-eslovaco. Os interesses supremos do socialismo e da paz requerem um apelo à razão, à compreensão, ao espírito amistoso. Ainda não é tarde para se fazer triunfar os princípios da colaboração internacionalista, para que sejam empreendidas medidas capazes de exigirem premissas para uma solução justa da crise resultante da intervenção na Tcheco-eslová-

quia e pelo melhoramento das relações entre os países socialistas.

O único caminho para extinguir o conflito criado, é a retirada imediata de todas as forças estrangeiras do território da Tcheco-eslováquia, criação de condições dignas para o povo tcheco-eslovaco para que o partido e o governo legais possam resolver seus problemas internos sem ingerência de fora. É de importância vital que os órgãos do partido e do estado constitucionais da Tcheco-eslováquia possam desenvolver calmamente sua atividade de condução da vida econômica, política e social, e que só com esses órgãos seja lícito discutir sobre modalidades da solução da crise atual da Tcheco-eslováquia. A Grande Assembleia Nacional exprime sua plena confiança na capacidade do povo irmão tcheco-eslovaco, do seu partido comunista e do governo, dos órgãos eleitos legal e constitucionalmente, a fim de resolverem com sucesso os problemas internos do desenvolvimento de socialismo na Tcheco-eslováquia, de vencerem as dificuldades criadas, de assegurarem o progresso da pátria no caminho do socialismo e do comunismo.

A Grande Assembleia Nacional convoca nestes dias todos os homens do trabalho, a classe operária, os camponeses, a intelectualidade, o povo inteiro, para que multipliquem seus esforços no sentido de coroar com êxito a realização do programa do desenvolvimento multilateral do país, elaborado pelo partido e pelo governo, com o afã de cumprir as grandiosas tarefas da construção do socialismo, pelo desenvolvimento da economia, da ciência, da cultura, da arte, pela realização da política do partido e elevação do nível de vida das massas, do florescimento da nossa nação socialista.

A Grande Assembleia Nacional reafirma a férrea vontade do partido e do governo, do Supremo Forum do País, de fazer tudo para elevar a um grau superior a obra da edificação do socialismo, pondo como base de nossa inteira vida social os princípios da democracia socialista, que asseguram a participação ativa de todos os cidadãos da elaboração e realização da política interna e externa do país, da solução dos problemas de estado, da ampliação multilateral da personalidade de cada, correspondente ao humanismo socialista, da valorização da energia, do talento e da capacidade de cada qual a serviço da sociedade e da pátria socialista.

Exprimimos a nossa convicção que nosso povo não poupará esforços pela realização dessas tarefas, unindo-se com maior força em torno dos dirigentes do partido e do estado, formando um muro de defesa das nossas conquistas revolucionárias, da independência e soberania da pátria. A soberania e a independência nacionais são bens inestimáveis, que o povo romeno, encabeçado pelo partido comunista, conquistou numa luta plena de tremendos sacrifícios no final duma jornada histórica atormentada. Elas são conquistas fundamentais da ordem socialista, que os homens do trabalho e o povo inteiro prezam como sua própria vida, pois delas depende sua própria vida e seu próprio futuro.

Por isso mesmo, a política promovida pelo partido e pelo governo é abraçada com confiança e afeição ilimitada por todos os homens do trabalho, indiferente da sua nacionalidade, por toda a nossa nação socialista, sendo considerada pelo povo romeno como expressão fiel dos anseios e das aspirações fundamentais, dos supremos interesses tanto das gerações de hoje como de amanhã da nossa pátria. Realizando destemidamente essa política, o povo romeno cumpre seu sagrado dever para com a nossa pátria socialista, como também suas obrigações internacionalistas de agrupamento ativo da frente

revolucionária anti-imperialista mundial, obrigações perante a causa da unidade dos países socialistas, da colaboração e amizade entre todos os povos, da paz e segurança no mundo inteiro.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Para o período de breves comunicações estão inscritos vários Srs. Congressistas.

O primeiro deles é o Sr. Deputado Antonio Bresolin, a quem dou a palavra.

O SR. ANTONIO BRESOLIN:

(Não foi revisto pelo orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, acabo de receber da cidade de Santa Maria, uma das mais progressistas cidades do Brasil, uma carta vassada nos seguintes termos:

Santa Maria, 16 de agosto de 1968.

Excelentíssimo Senhor Deputado:

A Câmara Municipal de Santa Maria, RGS, por este intermédio, atendendo proposição de autoria do Vereador Alexandre da Cruz e subscrita pelos Vereadores Octávio Thomasi Filho — Indolécio R. dos Santos — Francisco Lemes — Adair M. Maciel — Abílio Albino Dalla Corte — José A. C. de Mello — Waldemar Kummel — Dario Leal da Cunha — Raphael Theodorico da Silva — Orcy de Oliveira — Erony Paniz e Paulo Brillante, encaminha a Vossa Excelência, cópia de ofício dirigido ao Exmo. Sr. Romualdo da Costa e Silva, DD. Superintendente da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, para o qual estamos solicitando o apoio da Bancada de Vossa Excelência, na Câmara Federal.

Com elevada consideração e apreço, as nossas mais

Cordiais Saudações — Fernando Adão Schmidt, Presidente.

Também recebi Ofício nº 670-GP. PF. 68, assinado por Fernando Adão Schmidt, que é o seguinte:

Santa Maria, 16 de agosto de 1968.

Excelentíssimo Senhor Superintendente.

A Câmara Municipal de Santa Maria, atendendo proposição de autoria do Vereador Alexandre da Cruz e que foi subscrita pelos Vereadores Octávio Thomasi Filho, Idalécio Rodrigues dos Santos — Francisco Lemes — Adair Mendes Maciel — Abílio Albino Dalla Corte — José Adão Correa de Mello — Waldemar Kummel — Dario Leal da Cunha — Raphael Theodorico da Silva — Orcy de Oliveira — Erony Paniz e Paulo Brillante, apela a Vossa Excelência no sentido de que nos informe sobre os motivos pelos quais não estão sendo descontadas para o INPS, as diárias, — ajudas de custo, bolsas de estudo e diária-alimentação dos ferroviários que fazem jus a esses benefícios, quando a Lei da Previdência Social assim o determina.

Apela, outrossim, para que Vossa Excelência determine uma visita para avaliação do grau de insalubridade e periculosidade em setores penosos, perigosos e insalubres, em recintos fechados, medindo a poluição e grau de agentes contaminantes.

Finalmente informados que o apelo ora endereçado, resulta de solicitações recebidas por esta Casa, de ferroviários que se sentem prejudicados pelo problema aqui exposto.

Agradecemos, antecipadamente as providências que confiarmos serão determinadas por Vossa Ex-

celência e aproveitamos a oportunidade para apresentarmos as nossas mais

Cordiais Saudações. — Fernando Adão Schmidt, Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas desnecessário seria dizer que a Câmara de Vereadores de Santa Maria representada, aqui — nesta correspondência, pelos meus companheiros do MDB e pela ARENA, conta com a minha integral solidariedade.

Santa Maria possui a maior cooperativa ferroviária da América Latina, nosso principal centro ferroviário do Rio Grande do Sul, Cidade Universitária por excelência de todo o Brasil. Os ferroviários daquela Cidade têm efetivamente necessidade de serem atendidos.

Voltaremos a esta tribuna quantas vezes se fizerem necessárias defendendo aqueles elementos que são instrumentos a serviço da comunidade brasileira e que na hora em que mais necessitam, são esquecidos pelo Governo.

Os ferroviários de Santa Maria consequentemente contam com a minha integral solidariedade. (Muito bem).

(Aarão Steinbruch) — Tem a palavra o nobre Deputado Cunha Bueno. (Pausa).

S. Exa. não está presente.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Não há oradores inscritos.

Passa-se à Ordem do Dia.

A sessão foi convocada para apreciação de veto presidencial aposto ao Projeto de Lei nº 1.879-64, que autoriza o Poder Executivo a abrir, através do Ministério da Fazenda, o crédito especial de NCr\$ 910.388,66, destinado a atender às despesas decorrentes da aplicação da Lei nº 4.242, de 17 de julho de 1963, ao pessoal da Prefeitura do Distrito Federal.

O Veto atinge à totalidade do projeto.

Em discussão o projeto vetado. — (Pausa).

Não havendo quem peça a palavra encerro a discussão.

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Vai-se proceder à votação.

A chamada será feita a partir da representação dos Estados do Sul para o Norte. Seguir-se-ão as Bancadas de Territórios e por fim os membros da Mesa.

Convindo para escrutinadores, o nobre Senador Guido Mondin e os nobres Deputados Leonardo Mônaco, Henrique Henkin e Alberto Holmann.

Procede-se à chamada

Respondem à chamada e votam os Srs. Senadores:

Flávio Brito

Edmundo Levi

Cattete Pinheiro

Petrônio Portela

Menezes Pimentel

Argemiro de Figueiredo

Júlio Leite

Aloysio de Carvalho

Josaphat Marinho

Carlos Lindemberg

Raul Giuberti

Aarão Steinbruch

Gilberto Marinho

Nogueira da Gama

João Abrahão

Fernando Corrêa

Mello Braga

Celso Ramos

Antônio Carlos

Attilio Fontana

Guido Mondin

Respondem à chamada e votam os Srs. Deputados:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA

Maria Lúcia Araújo — MDB

Mário Maia — MDB

Nosser Almeida — ARENA

Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA

Carvalho Leal — ARENA (28 de fevereiro de 1969)

Raimundo Parente — ARENA

Wilson Calmon — ARENA (1 de novembro de 1968)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA

Gabriel Hermes — ARENA

Haroldo Velloso — ARENA

Hélio Gueiros — MDB

Juvêncio Dias — ARENA

Montenegro Duarte — ARENA

Maranhão:

Afonso Matos — ARENA (18-9-68)

Alexandre Costa — ARENA

Américo de Souza — ARENA

Cid Carvalho — MDB

Emílio Murad — ARENA

Eurico Ribeiro — ARENA

Freitas Diniz — MDB

Henrique de La Rocque — ARENA

José Burnett — MDB

José Marão Filho — ARENA

Luiz Coêlho — ARENA (16-9-68)

Nunes Freire — ARENA

Pires Saboia — ARENA

Renato Archer — MDB

Temístocles Teixeira — ARENA

Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB

Ezequias Costa — ARENA

Joaquim Parente — ARENA

Milton Brandão — ARENA

Paulo Ferraz — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA

Edilson Melo Távora — ARENA

Ernesto Valente — ARENA

Figueiredo Corrêa — MDB

Flávio Marcílio — ARENA

Furtado Leite — ARENA

Hildebrando Guimarães — ARENA (17-1-69)

Humberto Bezerra — ARENA

Leão Sampaio — ARENA

Martins Rodrigues — MDB

Wilson Roriz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23-1-69)

Alvaro Motta — ARENA (23-1-69)

Erivan França — ARENA (17-1-69)

Xavier Fernandes — ARENA

Paraíba:

Bivar Olintho — MDB

Humberto Lucena — MDB

Janduih Carneiro — MDB

João Fernandes — MDB (27 de outubro de 1968)

Pedro Gondim — ARENA

Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA

Alde Sampaio — ARENA (31-12-68)

Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968)

Antônio Nevse — MDB

Cid Sampaio — ARENA

Geraldo Gudes — ARENA

José-Carlos Guerra — ARENA

Milvernes Lima — ARENA

Souto Maior — ARENA

Tabosa de Almeida — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA

Djalma Falcão — MDB

Luiz Cavalcante — ARENA

Medeiros Neto — ARENA

Oséas Cardoso — ARENA

Pereira Lúcio — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA

José Onias — ARENA (15-11-68)

Luís Garcia — ARENA

Machado Rollemberg — ARENA

Passos Pôrto — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA

Clodoaldo Costa — ARENA

Fernando Magalhães — ARENA

João Alves — ARENA

João Borges — MDB

José Penedo — ARENA

Luís Athayde — ARENA

Luiz Braga — ARENA

Mário Piva — MDB

Ney Ferreira — MDB

Nonato Marques — ARENA (SE)

Odolfo Domingues — ARENA

Oscar Cardoso — ARENA

Raimundo Brito — ARENA

Ruy Santos — ARENA

Theódulo de Albuquerque — ARENA

Tourinho Dantas — ARENA

Vasco Filho — ARENA

Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (26-12-68)

Feu Rosa — ARENA

João Calmon — ARENA

Mário Gurgel — MDB

Parente Frota — ARENA

Raymundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Afonso Celso — MDB
 Altair Lima — MDB
 Daso Coimbra — ARENA
 Dayl de Almeida — ARENA
 Getúlio Moura — MDB
 José Saly — ARENA
 Mário de Abreu — ARENA
 Pereira Pinto — MDB (22-2-69)
 Sadi Bogado — MDB

Guanabara:

Erasmo Martins-Pedro — MDB
 Jamil Amidem — MDB
 Márcio Moreira Alves — MDB
 Nelson Carneiro — MDB
 Pedro Faria — MDB
 Raul Brunini — MDB
 Reinaldo Sant'Anna — MDB
 Waldyr Simões — MDB

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA
 Aureliano Chaves — ARENA
 Batista Miranda — ARENA
 Bias Fortes — ARENA
 Celso Passos — MDB
 Dnar Mendes — ARENA
 Edgar-Martins Pereira — ARENA
 Geraldo Almeida — ARENA
 Guilherme Machado — ARENA
 Gustavo Capanema — ARENA
 Hélio Garcia — ARENA
 Hugo Aguiar — ARENA
 Israel Pinheiro Filho — ARENA
 José-Maria Magalhães — MDB
 Luís de Paula — ARENA
 Manoel Taveira — ARENA
 Marcial do Lago — ARENA (SE)
 Mata Machado — MDB
 Maurício de Andrade — ARENA
 Monteiro de Castro — ARENA

Murilo Badaró — ARENA
 Nisia Carone — MDB
 Nogueira de Resende — ARENA
 Ozanan Coelho — ARENA
 Paulo Freire — ARENA
 Pedro Vidigal — ARENA
 Renato Azeredo — MDB
 Simão da Cunha — MDB
 Sinval Boaventura — ARENA
 Teófilo Pires — ARENA (SE)
 Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDB
 Armino Mastrocolla — ARENA
 Baptista Ramos — ARENA
 Campos Vergal — ARENA (28 de dezembro de 1968)
 Cantídio Sampaio — ARENA
 Cardoso de Almeida — ARENA (SE)

Celso Amaral — ARENA
 David Lerer — MDB
 Dias Menezes — MDB
 Dorival de Abreu — MDB
 Emerenciano de Barros — MDB
 Hélio Navarro — MDB
 Israel Novaes — ARENA
 Italo Pittipaldi — ARENA
 José Resegue — ARENA
 Lacorte Vitale — ARENA
 Lauro Cruz — ARENA (SE)
 Leonardo Monaco — ARENA (SE)
 Marcos Kertsmann — ARENA
 Nicolau Tuma — ARENA
 Plínio Salgado — ARENA
 Ulysses Guimarães — MDB
 Yuüishigue Tamura — ARENA

Goiás:

Antônio Magalhães — MDB
 Ary Valadão — ARENA
 Celestino Filho — MDB

Joaquim Cordeiro — ARENA
 José Freire — MDB
 Lisboa Machado — ARENA
 Paulo Campos — MDB
 Rezende Monteiro — ARENA
 Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:

Edyl Ferraz — ARENA
 Feliciano Figueiredo — MDB
 Garcia Neto — ARENA
 Marcílio Lima — ARENA
 Weimar Torres — ARENA

Paraná:

Accioly Filho — ARENA
 Agostinho Rodrigues — ARENA
 Antônio Anibelli — MDB
 Cid Rocha — ARENA
 Emilio Gomes — ARENA
 Fernando Gama — MDB
 Haroldo Leon-Peres — ARENA
 José Richa — MDB
 Justino Pereira — ARENA
 Leo Neves — MDB
 Minoru Miyamoto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
 Albino Zeni — ARENA
 Carneiro Loyola — ARENA
 Doin Vieira — MDB
 Genésio Lins — ARENA
 Lenoir Vargas — ARENA
 Osmar Dutra — ARENA
 Osni Regis — ARENA
 Paulo Macarini — MDB
 Alberto Hoffmann — ARENA
 Aldo Fagundes — MDB
 Amaral de Sousa — ARENA
 Antônio Bresolin — MDB
 Arnaldo Prietto — ARENA
 Brito Velho — ARENA

Clóvis Pestana — ARENA
 Daniel Faraco — ARENA
 Euclides Triches — ARENA
 Floriceno Paixão — MDB
 Henrique Menúin — MDB
 Jairo Brun — MDB
 José Mandelli — MDB
 Mariano Betti — MDB
 Nadir Rosseti — MDB
 Paulo Bressard — MDB
 Vasco Amaro — ARENA
 Victor Issler — MDB
 Zaire Nunes — MDB

Amapá:

Janary Nunes — ARENA

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Responderam à chamada e votaram 242 Senhores Congressistas, número que coincide com o de sobrecartas encontradas na urna.

Vai-se passar à apuração.

(Precede-se à apuração).

O SR. PRESIDENTE:

(Aarão Steinbruch) — Está concluída a apuração que acusa o seguinte resultado:

Cédula nº 1

Matéria a que se refere

(Totalidade do projeto)

Sim	78 votos
Não	159 votos
Em branco	4 votos
Nulo	1 voto

O veto foi mantido.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 22 horas e 40 minutos).

PREÇO DESTA EXEMPLAR. NCr\$ 0.10